

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Ano XXVII

JANEIRO - MARÇO DE 1965

N.º 1

SAMBAQUIS DO LITORAL CARIOCA

ERNESTO DE MELLO SALLES CUNHA

(Da Universidade Federal do estado do Rio
de Janeiro)

I

INTRODUÇÃO

Publicamos, em 1963, trabalhos sôbre os sambaquis do estado da Guanabara, (1,2,3), merecendo o assunto, pelo grande interêsse despertado, mais ampla divulgação. Além do mais, nesse pequeno inter-regno, muitos dados novos poderiam ser acrescentados. Assim o Sambaqui do Piraquê desapareceu, já muito mutilado pela lavoura, sob a lama da dragagem do rio; o do poço das Pedras, não obstante, foi terraplanado para as obras do Barra de Guaratiba Country Club; as plantações quase já acabaram com o do Pôrto da Cinza; melhor estudo pôde ser feito sôbre os outros, como o da ilha do Tatu, em Sepetiba e sôbre os do Zé Espinho e do Pau-Ferro, etc.

Melhor possibilidade também houve para bem ampla ilustração do trabalho, o que constitui documentário valioso para posteriores estudos.

Esta nota prévia tem vários objetivos, valendo essencialmente como um singelo relatório. Isto porque, apoiado e incentivado por muitos, especialmente colegas da Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro, nas explorações, em busca de jazidas arqueológicas, que há vários anos levamos a têrmo, achávamo-nos na obrigação de uma prestação de contas.

Se por um lado, algo temos publicado sôbre as afecções alvéolo-dentárias nas populações que habitaram os sambaquis (4,5,6,7,8), comparando-as até com material de Lagoa Santa (9,10,11), nada relatamos, ainda, sôbre as explorações, os achados e os materiais recolhidos.

Do que fizemos em Vitória (Espírito Santo), já demos balanço sumário (4,12,13).

O presente relatório complementa aquelas pesquisas.

* * *

Desejamos, também, com o material apresentado, combater conceitos errôneos, que são repetidos por quase todos, há mais de um século, de que *no Rio de Janeiro não há mais sambaquis* (14, 15, 16, 17).

Ao contrário, são ainda numerosos, embora tratando-se, em geral, de pequenas jazidas, como veremos no decorrer dêsse relatório.

Objetivamos, também, fornecer roteiro, para que cientistas especializados, a quem caibam tais estudos, possam complementar as pesquisas, ora iniciadas, antes que se destruam inteiramente os monumentos arqueológicos do estado da Guanabara.

O nosso trabalho vale unicamente como nota prévia, repetimos. Deverá ser joeirado e ampliado com observações cranioscópicas e diagnose craniométrica, do material ósseo humano, o que será feito com a colaboração da antropóloga do Museu Nacional do Rio de Janeiro, MARÍLIA CARVALHO DE MELLO ALVIM.

Aliás, quase todo o material (8 crâneos), do sambaqui "Cabeça de Índio", por nós coletado em 1958-1959, foi já por ela, devidamente estudado (18).

Também a parte de patologia dentária será convenientemente considerada, oportunamente.

Ficaremos rêgiamente recompensados se outros, com novos conhecimentos e com os recursos que nos faltaram, puderem produzir obra de maior vulto, partindo dos registros ora apresentados.

O caminho para as pesquisas dos sambaquis do estado da Guanabara encontra, assim, novos setores a serem desbravados.

II

ACHEGAS HISTÓRICAS E BIBLIOGRÁFICAS

O Rio de Janeiro, pelas suas condições topográficas privilegiadas, deveria, em todos os tempos, ter atraído grande afluxo de habitantes.

Situado entre duas baías, a de Guanabara e a de Sepetiba, com grande número de lagoas, rios e amplos manguezais, e tendo mais as extensas florestas, especialmente nas suas montanhas, apresentava ambiente ótimo para a caça e a pesca. Tudo, pois, propiciava ao primitivo habitante boas perspectivas alimentares, que eram a condição principal para a fixação do homem à terra.

Daí, terem sido numerosos os indígenas, que aqui viveram, em todos os tempos, encontrados mesmo na época do descobrimento e primeiras explorações (consulte-se a respeito *Etnografia Indígena do Rio de Janeiro*, de CORNÉLIO FERNANDES) (19).

Não é de admirar, pois, que freqüentes sejam os documentos arqueológicos aqui encontrados. Dentre êles ocupam lugar destacado os sambaquis, que tudo leva a crer, deveriam ter existido, em grande quantidade, em tôda a nossa orla marítima.

Não há, porém, descrições dos do litoral carioca, nos tempos do Império e do Brasil-Colônia.

Assim, apenas ligeiros dados poderão ser computados como contribuição histórica.

A anotação de depósitos conchíferos, aliás, em todo o litoral brasileiro tem sido feita desde o primeiro século, após o descobrimento, por diversos observadores.

E tais acúmulos, — concheiros naturais e sambaquis, — vêm sendo destruídos com várias finalidades, como consignam os cronistas e estudiosos da matéria e pode ser ainda hoje facilmente verificado.

Primeiramente para fazer cal (como se lê em quase todos os que focalizaram o assunto), o que acontece, em alguns pontos, ainda hoje; depois adubo, farinha de ostras e mais recentemente, para pavimentação de estradas, aterros, conservação de caminhos, etc. Destroem-nos ou adulteram-nos também o amanho da terra para lavoura, o fabrico de carvão, e a terraplanagem para loteamentos e construções. Até campo de aviação foi nivelado com terra de sambaquis. Tumultuam-nos também os caçadores de tatus e os pescadores de caranguejos. As boiadas, da mesma forma, pisando em sambaquis, fragmentam materiais de níveis próximos à superfície.

Daí, onde entra a civilização, vão desaparecendo aceleradamente, ou são mutilados os grandes sambaquis, remanescendo, por vêzes, pequenas jazidas conservadas em lugares de difícil acesso, ou passando despercebidas, sem interêsse, em algum ponto apartado dos agentes de destruição.

Independente dêsses fatôres da civilização, há a registrar ainda a ação perniciosa de certos animais, especialmente tatus e caranguejos, que ao fazerem as suas tocas, disjuntam esqueletos, desarrumam culturas, misturam níveis; e das raízes das ávores, que penetrando, por exemplo, pelo conduto de um osso, fragmentam-no; se crescem no meio de um esqueleto, podem modificar diversos dados de importância antropológica, etc.

O Rio de Janeiro, indubitavelmente o ponto de maior civilização e maior condensação de habitantes do litoral brasileiro, teve completamente destruídos inúmeros dos seus apreciáveis depósitos de conchas. E não escaparam muitos dos seus sambaquis.

O barão de CAPANEMA (1876) (14) chegou mesmo a afirmar:

“Os antigos sambaquis do Rio de Janeiro já de longa data foram consumidos pelas caieiras, e para o sul vai acontecendo o mesmo”. Isto foi ratificado por VON IHERING (1904) (15): “Os do Rio de Janeiro já foram, segundo CAPANEMA, todos consumidos para fabricação de cal”, e pelo prof. J. S. TAVARES (1915) (16): “As ostreiras do Rio estão há bastante tempo esgotadas no fabrico de cal”.

Historiando o assunto, EVERARDO BACKHEUSER (1918) (20) escreveu:

“De tal modo isso foi considerado verdade científica que ninguém mais pesquisou sambaquis no Rio de Janeiro, e certa vez falando nós a um especialista êste nos disse: “Aqui não há *sambaquis*, mas apenas sambacóides”.

EMPERAIRE e LAMING (1956) (21) comentavam sôbre tais fatos:

“Quanto aos acúmulos conchíferos do Distrito Federal, êles deveriam ser numerosos em redor da vasta baía de Guanabara, mas sua destruição deveria ter começado desde o começo da conquista”.

E ainda em 1957, FRÓES ABREU (17), indiscutivelmente um dos maiores conhecedores desta região, escreveu que os sambaquis aqui do Rio, “logo se acabaram e dêles temos apenas vestígios nalguns pontos do litoral”.

Talvez o que tenha ocorrido com a maioria dos pesquisadores, foi que, impressionados com o avanço da cidade no setor carioca da baía de Guanabara onde o progresso praticamente arrasou tudo, esqueceram-se da baía de Sepetiba e do resto do estado.

De alguns sambaquis do litoral carioca, porém, ficaram registros, ratificando conceitos de GABRIEL SOARES DE SOUZA (22), no primeiro século do Brasil-Colônia: “grande aparelho para se fazer muita cal de ostras, de que neste Rio há infinidade”, ou de PÔRTO SEGURO, no século passado, “muitas ostras de que neste Rio há fartura” (23).

HARTT (24) referindo-se à ilha do Governador, na sua notável *Geologia*, editada no século passado, escreveu: “BURTON afirma que nela se encontram *kjoekknmoedding*”.

E mais:

“Antigos montes de conchas foram descritos pelo Dr. HENRI NÄGELI, no Rio, ocorrendo em vários pontos da costa”.

Com mais exatidão, MORALES DE LOS RIOS (21) referiu-se à existência de um sambaqui no saco de Jequiá, na ilha do Governador, antes de 1870.

FRÓES ABREU (17) é de opinião que a ilha do Governador deve ter tido “vários sambaquis nos fundos de sacos ricos de mariscos”.

LEONARDOS (1937) (26) fala “de um pequeno sambaqui de ostras existente numa das ilhas da Guanabara, examinada por uma turma da Escola Nacional de Engenharia, em trabalhos práticos da cátedra de Geologia”, não indicando, entretanto, o local da referida jazida.

São, pois, insofismáveis afirmativas da existência de sambaquis na Guanabara.

Se consultarmos velha planta da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (27), do tempo da transmigração da família real (1808), chamará a atenção a vasta área de mangue, em zona ocupada hoje pela cidade.

De comêço, ladeando o saco de São Diogo, em plena costa, estendia-se entre o morro de São Diogo e a estrada de Mata-Porcos, prolon-

gando-se terra adentro, entre os morros da beira-mar e os campos alagados de Catumbi, até quase o campo de Santana e a lagoa da Sentinela.

Era o *Mangal de São Diogo*, de que ainda hoje existe, como reminiscência, o canal do Mangue.

Chama a atenção também, sendo de interesse para nós, que um dos principais morros, confrontantes com aquêlê mangue, — o atual morro da Favela — aparecia, na planta da cidade, com a designação de *Monte de Paulo da Caieira*.

Em mapa anterior (1770) (28), figura o morro de Paulo Caieiro. Antigos dicionários da língua portuguesa (MORAES, AULETE) (29,30) definem o vocábulo caieiro como *o que faz cal*.

Ora, é velho hábito designarem-se acidentes geográficos, com os nomes dos respectivos moradores, bem como acrescentar o designativo da profissão, para melhor caracterizar o indivíduo. Nós mesmos, em nossas fichas de história da Odontologia no Rio de Janeiro, temos o registro do morro do Dentista Carvalho, citado por VIEIRA FAZENDA (31), para designar o acidente geográfico, onde morava o dentista do Segundo Império, LUIZ ANTUNES DE CARVALHO (32).

As áreas afins ao Monte de Paulo da Caieira ou morro de Paulo Caieiro, — o Mangal de São Diogo — prestavam-se bem à construção de sambaquis, que é possível, fôssem ali numerosos, fornecendo ostras para as caieiras. Como vimos, as ostras ainda eram aqui abundantes, mesmo no século passado, como nos dá notícia o visconde de PÔRTO SEGURO (23), já anotado.

Merece registro o encontro de ossos humanos e pedras, há anos, quando faziam terraplanagem para construção, na rua Campos Sales, área afim ao manguezal. Tiveram, porém, o destino comum a tais achados: as pedras foram removidas com o entulho, e os ossos enterados, *para não dar complicações com a polícia...*

O Outeiro da Glória poderá, também, figurar nesta resenha.

AFRÂNIO PEIXOTO (1920) referiu-se a êle, como um cômodo, “dito Leri-pe (ostreira)”, atribuindo o topônimo ao estar “próximo a uma praia coberta dêsses mariscos” (33, 34).

Mais preciso, em trabalho publicado no jornal carioca “O Globo” — *A libertação do Rio de Janeiro* — SÉRGIO D. T. MACEDO escreveu sôbre o “Biruçu-mirim, Uruçu-mirim, também chamado morro da Ostreira”. que nada mais era, “que um trecho do Outeiro da Glória”.

Ora, ostreira, todos sabemos, é freqüentemente sambaqui.

Há alusões também a sambaqui em terrenos próximos à lagoa Rodrigo de Freitas, encontrado pelo engenheiro FERNANDO NASCIMENTO SILVA, há mais de vinte anos. “Em desatêrro num terreno da rua Humaitá, na ladeira que desce para a lagoa Rodrigo de Freitas havia acúmulos de conchas, que talvez fôssem restos de algum sambaqui” (35).

Fala a tradição em concheiros na Gávea, a eles se referindo EVERRARDO BACKHEUSER (36), em sua *Geologia*.

LADISLAU NETTO (1885) (37) após afirmar que “na baía do Rio de Janeiro, e em particular nas suas orlas setentrionais, encontram-se numerosos vestígios de sambaquis, dentro dos quais alguns artefatos não sido achados, em tudo idênticos aos dois sambaquis do Sul”, declara especificamente:

“De um condutor de aterros, empregado nos trabalhos da estrada de rodagem da Tijuca (MANUEL COELHO, creio ser o seu nome), recebi três almofarizes de diorito por êle encontrados nas escavações daquela estrada”.

Houve evidências, portanto, da existência de sambaquis na área da Tijuca.

MAGALHÃES CORREIA (1936) (38), descrevendo a restinga existente entre a lagoa de Jacarepaguá e a de Marapendi, refere-se a vários capões, um deles denominado “capão das Ostras”. Merece registro, que a denominação “capão” aparece, em Guaratiba, como complemento do nome de diversos sambaquis. E embora a especificação “das Ostras” seja bastante significativa, êste sítio parece ter funcionado apenas como acampamento indígena, como se depreende do material coletado.

Temos informes de caçadores, da existência de casqueiros, na restinga de Marapendi, próximo a Itaúna. Também no Recreio dos Bandeirantes, como nos contou o Sr. ABÍLIO SOARES, antigo empregado da empresa loteadora dos terrenos da região, há anos, quando a turma do Ataliba (sic) tirava terra de um montinho, entre a praia e a Lagoinha, muito próximo do pontal de Sernambitiba, para fazer aterros, foram achados vários esqueletos. Não soube, porém, informar a natureza do terreno.

Figura mesmo na coleção do Museu Nacional do Rio de Janeiro, material ósseo humano, arrecadado em 1945, naquela zona, pelo prof. LUÍS CASTRO FARIA e o geógrafo AFONSO VÁRZEA. Êste informa, o que é ratificado pelo Sr. CELESTINO PEREZ, que se tratava de uma duna, contendo também restos de cozinha (ostras, ossos de peixe e de outros animais) e utensílios líticos.

A existência de velhos casqueiros influenciou os topônimos locais. Assim, há em mapa do Distrito Federal (hoje estado da Guanabara), 1907, o *rio da Caieira* (39), descrito em 1913, por NORONHA SANTOS (26): “nasce próximo dos campos de Sernambitiba e deságua na lagoa de Marapendi”.

MAGALHÃES CORREIA (1936) afirma: “toma o nome de Caieira, em virtude das caieiras ali existentes dos sambaquis” (38).

Há também o *Caminho da Caieira*, na estrada do Recreio dos Bandeirantes, indo de perto do arroio da Pavuna à fazenda do Engenho d'Água, consignado até por antigo mapa de tiro do Exército (41).

Quem estuda sambaquis sabe a estreita ligação que há, frequentemente, entre eles e as caieiras, como já comentamos.

Existem ainda os *campos* e o *pontal de Sernambitiba*, vocábulo êste que, segundo o visconde de PÔRTO SEGURO (42) designava *casqueiro* “nas províncias do norte”.

MAGALHÃES CORREIA (1936) (38) escreveu:

“Nesse recuo do mar quaternário, atestam os antigos sambaquis — sítio de sernambis (mariscos), que se situam nas restingas de Itapeba e Jacarepaguá”.

Têm sido resgistradas jazidas arqueológicas no Rio de Janeiro (4,5), especialmente em Guaratiba (4,20,26) e Sepetiba (5,20,26,36).

AFONSO VÂRZEA (44), estudando certo trecho da região, escreveu:

“A depressão entre os cordões orográficos Capoeira Grande-Laje Grande e Inhoaíba-Santa Clara-Guaraçuçaba-Urubu, enchida pelo atêrro quaternário, encerra uma das secções mais densas do rosário de sambaquis que debrua a costa carioca de Sepetiba, concentração conchífera explorada desde o Império, na fazenda da Caieira, onde têm sido encontrados esqueletos humanos, cerâmica, instrumentos líticos. Remexendo o casqueiro coube-me agarrar machado de pedra muito usado, estando já o diabásio alterado”.

Nos últimos tempos, a destruição das ostreiras da restinga da Marambaia foi acelerada, especialmente para revestir estradas na ilha. Não obstante, há delas ainda, alguma coisa para ser apreciada, como vemos no *pôrto do Teixeira* e no *pôrto das Pitangueiras*.

Como os sambaquis da baía de Guanabara, os dos campos de Santa Cruz deveriam ser numerosos, e em grande parte destruídos, desde os tempos coloniais, para a fabricação de cal. Isso porque, especialmente sob a direção dos Jesuítas, grandes obras foram ali realizadas, saneando a zona e fazendo nascer nela diversos povoados. E nesses trabalhos tiveram que consumir grandes quantidades de cal, cuja matéria-prima principal era, então, representada pelas ostras dos sambaquis.

Entretanto nem tudo deve ter sido destruído.

FRÓES ABREU (1957) (17) refere-se a camadas conchíferas, em terra firme, entre o povoado de Sepetiba e a barra do rio Itaguaí. Com o que aprendemos em outras áreas, tudo leva a crer, que muitos dêsses depósitos devem ser sambaquis.

Também BACKHEUSER (20) encontrou depósito conchífero, do lado fluminense dessa área.

E mais, quando acabaram as conchas do sambaqui do Piracão, então empregadas na manufatura de farinha de ostras, foram de casqueiros em Santa Cruz, como soubemos, que elas passaram a ser retiradas.

Também em Sepetiba, houve durante muito tempo, indústria análoga, explorada pelo Sr. ANTÔNIO RODRIGUES DUARTE. Segundo seu depoimento, a matéria-prima era conseguida, especialmente, perto do caminho da Guarda, na área hoje ocupada pela base aérea. Daí foram retirados mais de 400 caminhões de ostras. Utilizou ainda, material

de casqueiros próximos à praia de Dona Luísa. Tratava-se de acúmulos de conchas grandes.

Relativamente à existência de ossos humanos e artefatos indígenas nessas jazidas, nada soube informar. Alegou serem coisas que não lhe interessavam. Além do mais, acrescentou, a coleta do material era feita por empregados seus.

Do exposto infere-se que deveriam ter sido muito numerosos os sambaquis, no litoral carioca, bem justificando a velha asserção de GABRIEL SOARES DE SOUZA (22), anteriormente citada.

EVERARDO BACKHEUSER publicou mesmo, em 1918 (20) trabalho sobre os sambaquis do Rio de Janeiro (*Sambaquis do Distrito Federal*), reeditando-o em 1946 (36). Referia-se aí a um sambaqui existente próximo à ilha, em Guaratiba (sambaqui do Piracão), e a um concheiro natural (sambaqui do Piaí, na sua terminologia), localizado em Sepe-tiba. Esse foi estudado, mais tarde, por OTHON LEONARDOS (26) e BIREGARELLA (43).

Os trabalhos de BACKHEUSER vêm sendo citados e têm servido de base a todos que têm considerado tais jazidas no Rio de Janeiro (LEONARDOS, FRÓES ABREU, LAMEGO) (26,45,46).

Deve ser aqui esclarecido que o sambaqui do Piracão de BACKHEUSER não se encontra nas proximidades do chamado rio Piracão, como foi por êle consignado, premido pela falta de dados, muito difíceis de colhêr em uma área alagada e ainda pouco explorada.

O *sambaqui do Piracão* (Murundu do Casqueiro, na terminologia local), estava situado a cerca de 140 metros da margem direita do rio do Portinho, mesmo defronte à confluência do rio da Olaria.

Foi totalmente destruído para o fabrico de cal e farinha de ostras. Na remoção da terra para a coleta das carapaças, apareceram muitos esqueletos e variado material lítico, conforme referem os velhos moradores e trabalhadores da zona.

Foram, ainda, por nós coletados vários artefatos de pedra (núcleos e lascas de quartzo, diábase rolada e polida, alguns machados, etc.) e cerâmica, no remanescente do referido sambaqui.

Os restos humanos, ali recolhidos em 1918, por BACKHEUSER, foram estudados, mais tarde, por ROQUETTE PINTO (47).

Apenas um fragmento de fêmur de criança, foi por nós encontrado, nos restos dessa arrasada jazida.

Do inquérito feito entre moradores locais, alguma coisa há a consignar:

1. Primeiramente a citação da existência outrora de muitos outros casqueiros, destruídos para o fabrico de cal. E a narração também, do aparecimento de ossos humanos, pedras polidas, etc., nessas jazidas, identificando-as perfeitamente.

2. Explicando vestígios de lavoura (bananeiras, limoeiros e goiabearas especialmente) achados em alguns casqueiros, conta o Sr.

PEDRO ALVES DE CAMPOS, natural da zona, que há mais de trinta anos houve um rancho em pedra, perto do sambaqui do Piracão, onde morou D. MARIA ROGÉRIA. “Ela é quem andou (*sic*) plantando em todos os altinhos. Fazia roças por aí”.

Temos mais conhecimento de plantações feitas anteriormente, em vários sambaquis, por D. QUINTINA TELLES, mãe do Sr. FRANCISCO TELLES, morta, segundo dizem, com mais de 120 anos, em novembro de 1962; e mais recentemente pelo Sr. LUÍS NUNES.

3. Em tôda essa vasta restinga de Guaratiba, a ocorrência de fragmentos de cerâmica é freqüente. Não encontramos, porém, nenhum sepultamento em igaçaba. Há, entretanto, algumas narrativas, que mostram o eventual encontro de tais utensílios indígenas. Assim, corre na região a história que o tratorista, trabalhando na terraplanagem de Vila-Mar de Guaratiba, achou um grande pote. E acrescentam os contadores da lenda, correlacionando-a, com fortuna enterrada: “Dizem que êle desapareceu e nem veio receber os seus salários”...

O Sr. ALVES DE CAMPOS conta mesmo que, certa vez, abrindo uma vala próximo ao capão do pôrto da Cinza, encontrou uma igaçaba.

E concluía:

“Pensei que estivesse rico. Mas quebrei o pote e não tinha dinheiro. Só uns ossinhos”...

Bem mais minucioso é o Sr. ANTÔNIO RODRIGUES DUARTE.

Narra o achado, há tempos, de um enterramento em uma urna funerária de barro. Localizava-se a 60 metros da estrada de Sepetiba, entre a estrada e o morro, dito atualmente da Faxina. Achava-se em terreno de areia, a cerca de um metro de profundidade.

O fato foi comunicado à polícia, que disse tratar-se de esqueleto de índio.

Segundo fomos informados, tal material, como quase sempre acontece, foi inteiramente abandonado, sendo assim destruído.

4. Vários casqueiros da região são designados ‘Cabeça de Índio’, certamente pelo aparecimento nêles de crânios. Aproveitamos tal designação para duas das jazidas por nós relacionadas.

5. A lembrança do indígena surge vez por outra.

O usualmente chamado “capão do Gentil”, por exemplo, muito conhecido na zona pela sua situação e dimensões, era outrora chamado pelo pai do Sr. MILTON DUARTE ALVES, natural da terra e morto aos 84 anos, de “capão do Gentio”. Tal nome acha perfeita justificativa no copioso material cultural (utensílios líticos, cerâmicos e ósseos), que é ali encontrado.

III

GUARATIBA. ASPECTOS DA RESTINGA E SEUS SAMBAQUIS

Os sambaquis do litoral carioca foram abundantíssimos outrora, como se depreende dos dados anteriormente computados.

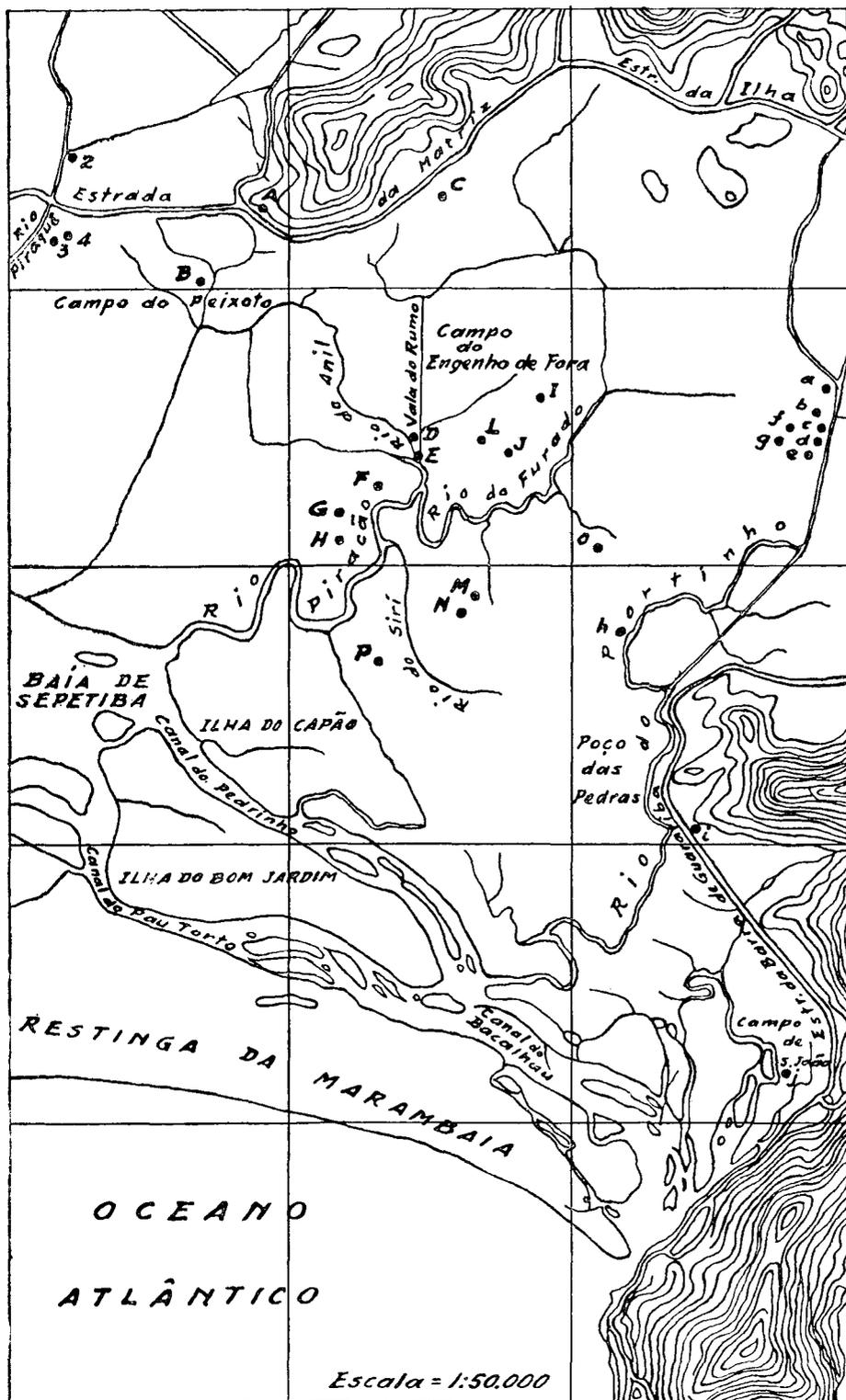


Fig. 1 — Localização de jazidas arqueológicas, especialmente do tipo sambaqui, em Guaratiba (estado da Guanabara).

I — Bacia do Rio Piraguê. Margem direita: 1 — Sambaqui de Vila Mar. Margem esquerda: 2 — do Piraguê; 3 — do Telégrafo; 4 — do Aterrado da Pedra.

II — Bacia do Piracão. Cabeceiras: A — do Pôsto 5; B — do Curral das Pedras; C — da Matriz. Margem direita: D — do Telles; E — do Rio do Anil ou das Pitteiras; F — da Panela do Pai João; G — do Gentio; H — do Capãozinho. Margem esquerda: I — do Ato-lador; J — do Cerâmio; L — da Praia do Malhador; M — do Pau Ferro; N — do Zé Espinho; O — da Benta; P — do Surucaí.

III — Bacia do rio do Portinho. Margem direita: a — do Vaso; b — do Piracão; c — do Meio; d — Cabeça de Índio; e — Cabeça de Índio (2.º); f — do Caminho do Cajazeiro; g — da Bananeira; h — do Pôrto da Cinza. Margem esquerda: do Poço das Pedras.

IV — Rio João Correia. Margem esquerda: j — de Araçatiba ou do Campo de São João.

LOCALIZAÇÃO DE SAMBAQUIS EM GUARATIBA (Estudo prévio)
Organizado por E. SALLES CUNHA

Destruídos para a construção da cidade, ou outras finalidades, remanescem porém, ainda, nas áreas poupadas pela civilização.

Em Guaratiba, por exemplo, zona a que dedicamos cêrca de um lustro de pesquisas, são ainda numerosos, não obstante o grande número dos já destruídos (fig. 1).

Localizam-se próximo ao mar, ou não distante das margens dos rios e canais da região, em plena restinga. Nas bacias dos rios Piraquê, Piracão e do Portinho (figs. 2 a 11), acham-se situados quase todos.

O rio Piraquê, trecho final do rio Cabuçu, desemboca na baía de Sepetiba. Sofre a influência das marés até um pouco acima do Campo do Saco (fig. 2), na margem esquerda, e de Vila Mar de Guaratiba, na margem direita. É ladeado, nesse trecho, por vários mangues e áreas alagáveis durante a estação das águas, ou sujeitas aos efeitos das grandes marés.

É navegado por pequenas embarcações, especialmente barcos de pescadores e apanhadores de lenha.

Deveriam ser numerosos os sambaquis dessa região. Em inquérito, soube-se da destruição de muitos. Fala-se, a respeito, que o atêrro para a construção do pôsto do telégrafo, existente na área, foi feito, em parte, com terra de sambaquis. Também na terraplanagem de Vila Mar de Guaratiba, não era excepcional o aparecimento de esqueletos, na terra movimentada, segundo contam.

É possível que ainda existam diversas jazidas, além das por nós localizadas.

Nos nossos registros, foram anotados, porém: 1) o sambaqui do Piraquê, à margem esquerda do rio, na embocadura da vala do Campo do ABC; 2) o sambaqui do Aterrado da Pedra e 3) o do Telégrafo, também à mesma margem, pouco depois da estrada da Matriz, próximo ao caminho do Telégrafo. Na margem direita: 4) o sambaqui de Vila Mar, hoje quase inteiramente destruído pela coleta de ostras.

O rio Piracão — eufemismo empregado para indicar um canal salgado, que com os seus diversos braços penetra na restinga de Guaratiba, talvez tivesse sido, em outras épocas, realmente um rio. Formado por várias valas, sujeitas, até quase as suas cabeceiras, aos influxos das marés, é navegável por canoas e outras pequenas embarcações, em parte dos seus vários braços, — vala do Rumo, rio do Anil, rio do Furado, rio do Siri, etc. Ladeado por mangues, tem as proximidades de cerrados, de áreas inundáveis, e de campos extensos. É zona bem piscosa, rica em variados crustáceos e abundantes bivalves (sururus, ostras, etc.). Foi, por isso mesmo, lugar ideal para a constituição de numerosos sambaquis.

Na fralda do morro existe: 1) o sambaqui do Pôsto 5, e no início da restinga — 2) o do Curral das Pedras. Tudo indica que aí deveria começar, outrora, o Piracão. Houve, também, próximo à matriz, a 170 metros da estrada, um sambaqui, de que tiraram muita ostra e esqueletos (sambaqui da Matriz).



Fig. 2 — Restinga. Campo do Saco (margem esquerda do rio Piraquê).



Fig. 3 — Restinga. Campo do Peixoto (vista da fazenda Modelo)



Fig. 4 — *Campo do Peixoto (vista da estrada da Matriz). Ao longe o capão do Curral das Pedras.*

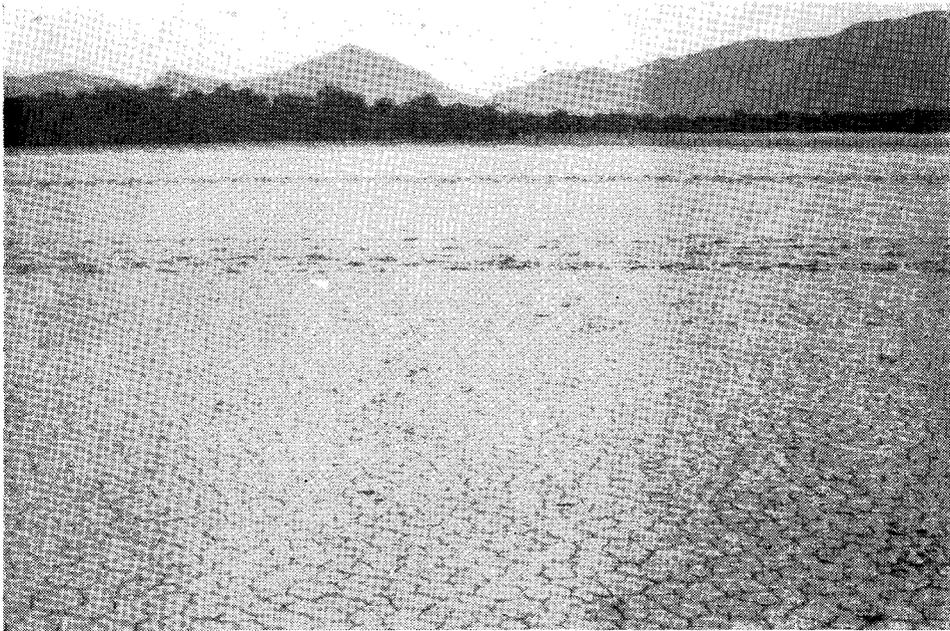


Fig. 5 — *Campo do Peixoto. O "apicum". Ao fundo, o manguezal e a serra.*



Fig. 6 — *Campo do Peiroto. Ao longe o capão do Curral das Pedras (vista da fazenda Modelo)*

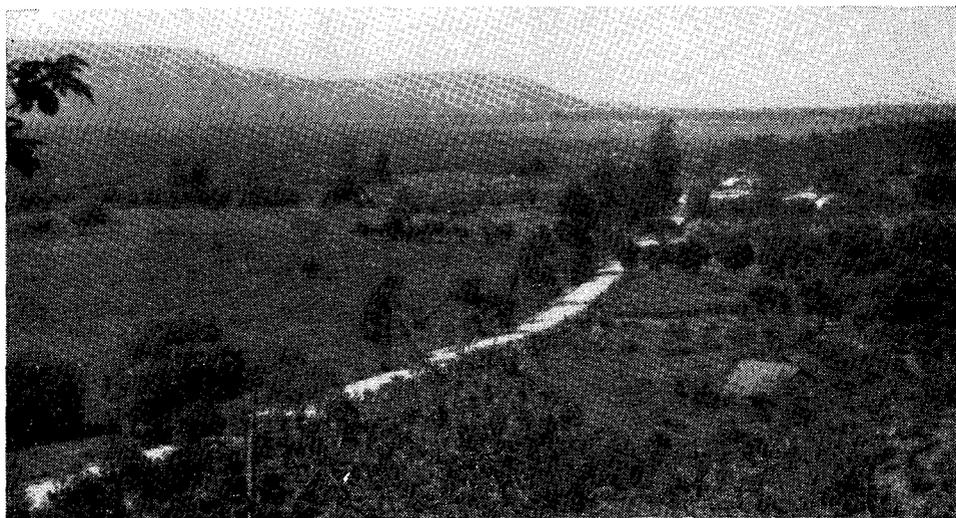


Fig. 7 — *Campos de Guaratiba (vista do morro do Cavado)*



Fig. 8 — Aspecto da restinga (margem direita do rio do Portinho).



Fig. 9 — Aspecto da restinga (margem direita do rio do Portinho).



Fig. 10 — *Panela do Pai João (rio Piracão, embocadura do rio do Furado).*

Tomando a vala do Rumo por eixo, poderíamos localizar na margem direita:

1) Sambaqui do Teles; 2) das Piteiras ou do rio do Anil (na embocadura do canal deste nome, na vala do Rumo); 3) da Panela do Pai João; 4) do Gentio; 5) Capãozinho.

Na margem esquerda:

1) do Atolador; 2) da Praia do Malhador; 3) do Cerâmio; 4) do Pau-Ferro; 5) do Zé Espinho; 6) da Benta.

E na margem esquerda do rio do Siri, a 400 metros, há a anotar o capão do Surucaí.

O rio do Portinho, pouco além de suas nascentes, ganha a restinga de Guaratiba, próximo ao lugar-rejo denominado Engenho Nôvo.

Percorre-a, acompanhando a linha dos morros, em grande extensão. Tem sofrido dragagens e retificações, que lhe têm modificado em parte o curso. Ladeia grandes mangues, campos extensos e respeitáveis tabuais. Sofre, em grande parte do seu curso, a influência das marés. Daí apresentar, por vêzes, água salobra.



Fig. 11 — *Pôrto das Canoas (vala do Rumo, área do Piracão).*

Lamentavelmente, como tôdas as jazidas do Brasil, vêm sendo inexoravelmente destruídas, com objetivo de lucro.

Conhecemos, às margens do rio do Portinho, vários sambaquis.

Na direita: 1) sambaqui do Vaso, 2) do Piracão, 3) do Meio, 4) Cabeça de Índio, 5) Cabeça de Índio 2.º, 6) do Caminho do Cajueiro, 7) da Bananeira, 8) do Pôrto da Cinza.

E na margem esquerda: 1) do do Poço das Pedras.

No emaranhado de canais que constituem a entrada da barra de Guaratiba, há a consignar alguns sambaquis: 1) o de Araçatiba ou do Campo de São João e do lado da restinga de Marambaia, 2) o do Pôrto das Pitangueiras, e traços de outro, 3) no Pôrto do Teixeira.

Além desses há a acrescentar: 1) o dito sambaqui do Piaí (fig. 12), pouco distante da Pedra de Guaratiba, no caminho para Sepetiba, e, 2) neste arrabalde, o sambaqui da ilha do Tatu, na ilha respectiva (fig. 13).

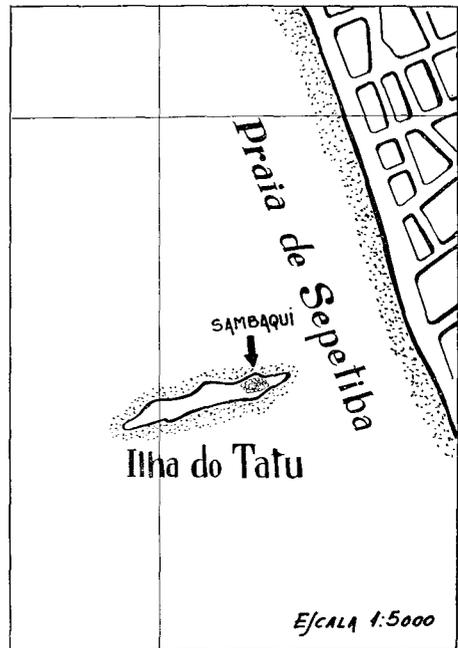


Fig. 13 — Sambaqui da ilha do Tatu.
(Fonte: Fôlha 14-10-N. Serviço de Topografia
— Departamento de Urbanismo.
(SGVO — GB)

AS JAZIDAS

BACIA DO RIO PIRAQUÊ

1. Sambaqui do Piraquê

Localiza-se à margem esquerda do rio Piraquê, no campo do Saco, na margem esquerda da vala do campo do ABC, no ponto de confluência desta com o citado rio.

Dimensões imprecisas, em virtude de o contôrno da jazida ter sido, em alguns pontos, alterado pela lama de dragagem do rio ali depositada. Deve ter, porém, um perímetro aproximado de 100 metros. Com a forma irregularmente circular, tem como maiores diâmetros 35 metros, paralelamente ao rio, e 30 metros perpendicularmente a êste.

Altura de 3 a 4 metros do nível do rio (conforme a maré), e 2,20 metros do terreno circundante.

Quando o visitamos pela primeira vez, em fevereiro de 1960, era um cerrado de vegetação agressiva.

As sepiabeiras (*Bumelia obtusifolia*, sapotácea), irmãs gêmeas das quixabeiras (*Bumelia sertorum* All.), e aroeiras (*Schinus molle-*

des Well e outras, anacardiáceas), como árvores maiores, ao lado de opulenta flora, onde imperavam entre as plantas rasteiras os gravatás (*Bromelia Karatas* Lin. e outras bromeliáceas), impossibilitavam um exame perfeito da jazida.

Nos anos posteriores o arvoredo foi derrubado e o terreno escavado. Primeiramente para os balões de carvão, e depois para o cultivo, chegando a existir mesmo, sôbre êle, no primeiro semestre de 1963, uma casinha de sapé, bem viçosa roça, e um poço (de água salgada porém).



Fig. 14 — Sambaqui do Piraquê (campo do Saco, margem esquerda do rio Piraquê).
Fotografado em 1959.

Em escavação, foi observada grande abundância de carapaças de moluscos, com predomínio de *Ostrea*. Há *Phacoides pectinatus*, Gmelin. Raros outros espécimes. Restos de crustáceos. Notável abundância de vértebras de peixes, muitas delas trabalhadas para braceletes ou colares (polidas nos bordos e perfuradas).

Poucos ossos de outros vertebrados.

Abundante material lítico. Numerosos núcleos de quartzo, e algumas lascas. Grandes e pequenos seixos rolados: alguns com vestígios de trabalho (batedores, almofarizes, etc.).

Não foi achado nenhum fragmento de cerâmica, nem machados de pedra polida.

O carvão foi encontrado em todos os níveis.

Há enterramentos, com as características comuns à área, e restos de ossos humanos, esparsos.

Merece destaque o material catalogado com o n.º 63. Tratava-se de um enterramento feito entre 0,20 m e 0,40 m, de pessoa idosa, feminina, em posição fletida. Os restos desse esqueleto repousavam sôbre uma rocha dura, avermelhada, como que brecha ferruginosa, a qual por vêzes englobava fragmentos ósseos. Cabeça muito fraturada. Maxilares superiores quase destruídos. Fragmentos de mandíbula, que possibilitaram, melhor do que as maxilas, parcial restauração. Encontrados 18 dentes, acentuadamente desgastados. Houve várias perdas

dentárias *in vivo*. Conseguiu-se restaurar parcialmente a calota craniana, não obstante a grande fragmentação dos ossos.

No segundo semestre de 1963 êste sambaqui, já bem mutilado, desapareceu sob a lama de dragagem, então feita no rio.

2. Sambaqui do Aterrado da Pedra

Pequena jazida situada à margem esquerda do rio Piraquê, próxima à ponte da estrada da Matriz, ilhado em terreno alagável. Com perímetro impreciso (50 metros talvez), pois está em uma leve elevação de terra, sem ostras. Altura que não atinge um metro.

Tem a forma acompridada com o maior eixo de sueste a nordeste.

Constituído de material malacológico análogo ao sambaqui do Piraquê. Predomínio de *Ostrea*, com alguns *Phacoides pectinatus* e raros outros espécimes.

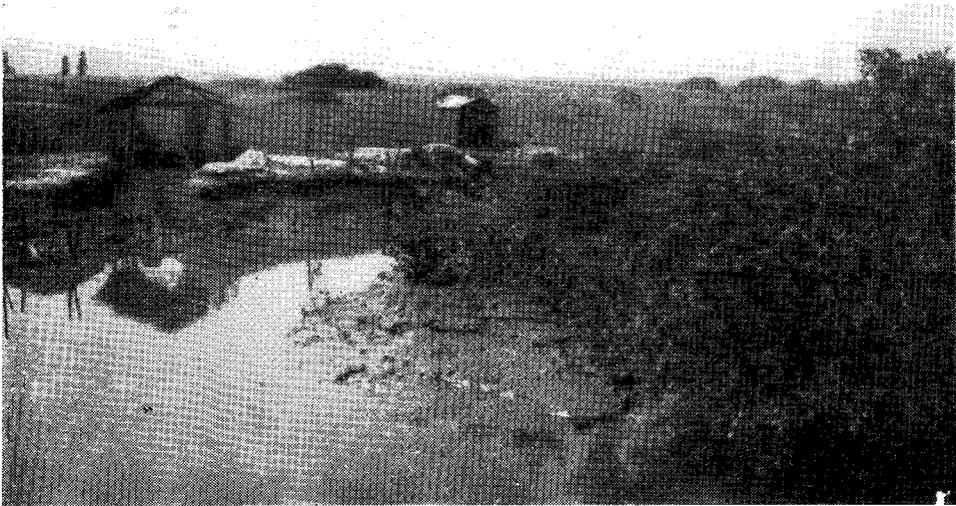


Fig. 15 — Sambaqui do Aterrado da Pedra (próximo ao aterrado da Pedra — estrada da Matriz, e da ponte do rio Piraquê).

Na superfície vê-se uma camada de terra preta solta, com algumas carapaças de moluscos. Ossos de peixe. Há carvão. Abundantes lascas de quartzo, lascas de pedra.

Não foram encontrados fragmentos de cerâmica.

Serviu como local de enterramentos, guardados os costumes da época. Anotemos o material de n.º 170, de nosso catálogo. Enterramento, posição fletida, entre 0,30 m e 0,45 m (figs. 16 e 17). Corante vermelho, lascas de quartzo e outras pedras, e espinhas de peixe, como adereços mortuários.

Mais pormenorizadamente: crânio para leste, acompanhando direção da coluna vertebral. Sofreu processo torcivo *post mortem*. Pernas fletidas, braço esquerdo estirado, acompanhando o tronco, mão

sob a pélvis. Braço direito afastado do corpo em ângulo de 90°. Coluna vertebral na direção leste-oeste. Decúbito lateral esquerdo. Mandíbula atrás do crânio.

Adulto, masculino.



Fig. 16 — Enterramento. Observar posição e acentuada fragmentação óssea. (sambaqui do Aterrado da Pedra).

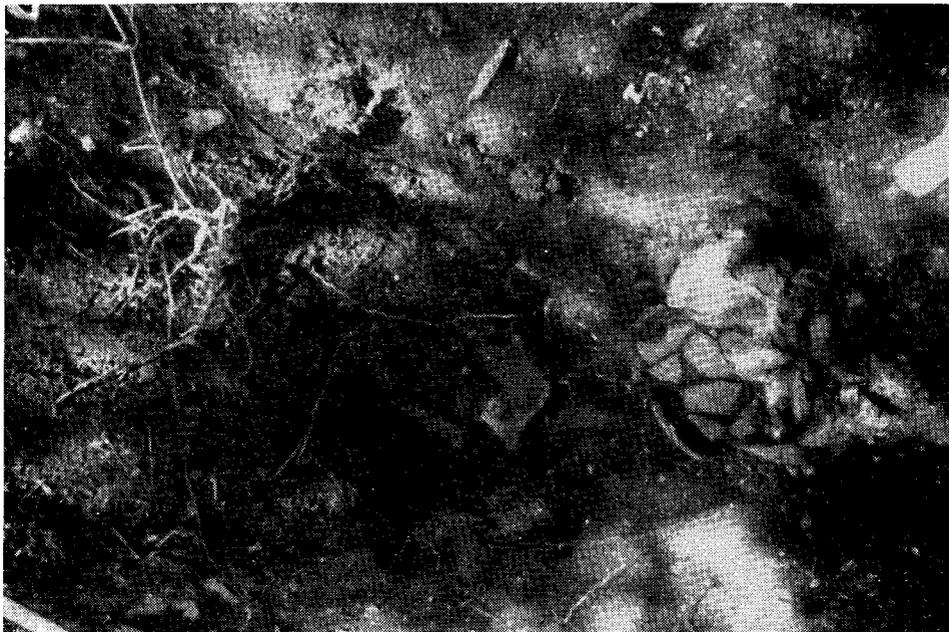


Fig. 17 — O crânio do enterramento anterior. Observa maiores minúcias, como a mandíbula atrás da calota craniana.

Condições de conservação: muito fraturado.

Dentes muito desgastados, havendo exposição da câmara pulpar nos primeiros molares superiores, com conseqüentes granulomas.

3. *Sambaqui do Telégrafo*

Situado na margem esquerda do rio Piraquê, próximo à ponte e à estrada da Matriz.

Poderia ser considerado quase como um *plateau*, com cerca de um metro de altura e aproximadamente 80 metros de perímetro.



Fig. 18 — *Sambaqui do Telégrafo (vegetação no centro da fotografia do fundo)*
(Margem esquerda da vala, acessória ao rio Piraquê).

Acha-se ilhado no meio de um terreno alagadiço, *reliquant* de um mangue.

Distância 75 metros do sambaqui do Aterrado da Pedra.

O material malacológico apresenta, como os demais, grande predomínio de *Ostrea*.

Dentre o material lítico destacam-se as lascas de quartzo.

Após a remoção da camada de húmus de 10 centímetros aproximadamente, começam a aparecer abundantes fragmentos de cerâmica, lisa, alguns com marcas de dedos, ou até decorados em côres.

Os restos de cerâmica indígena são abundantes nessa jazida.

4. *Sambaqui de Vila Mar*

Distante poucas centenas de metros da margem direita do rio Piraquê, em pleno arruamento do loteamento de Vila Mar de Guaratiba.

Cerca de 90 metros de perímetro, por altura menor que um metro, na atualidade.

Constituído especialmente de *Ostrea*. Há restos de outros animais, e carvão.

Há anos que essa jazida vem sendo sistematicamente destruída com diversas finalidades, não científicas. Na atualidade existem apenas uns restos do primitivo sambaqui.

O que chama nêle a atenção é a grande quantidade de pedras, especialmente grandes, não carregadas pelos demolidores atuais.

Há a registrar várias, fragmentadas, mostrando desgastes intencionais (por certo amoladores de machados, almofarizes, etc.); ou com vestígios de trabalho (quebra-côcos, batedores, etc.).

Notam-se, não obstante, ainda, evidências de enterramentos.

BACIA DO RIO PIRACÃO

Na área onde outrora deveriam ficar as nascentes do rio Piracão há três anotações a fazer: a jazida do Pôsto 5, a do Curral das Pedras (ou Capão das Pedras) e a da Matriz.

1. *Sambaqui do Pôsto 5*

Localiza-se na encosta do morro, a 20 metros apenas da estrada da Matriz, do lado esquerdo do Pôsto Agrícola n.º 5. Ao contrário do observado na grande maioria das jazidas da zona, há predomínio de carapaças de *Anomalocardia brasiliiana*, Gmelin, na terra dêsse sambaqui.

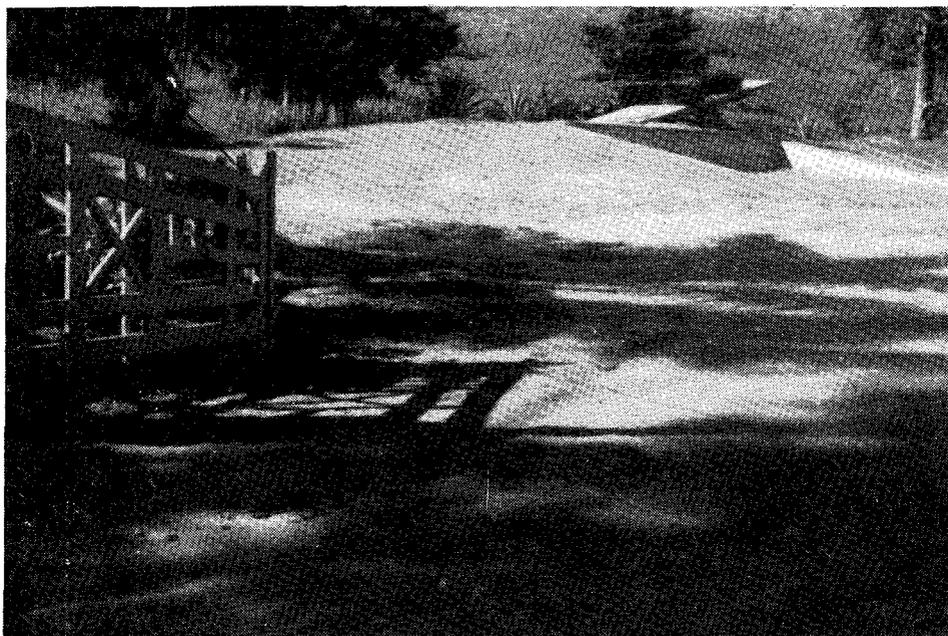


Fig. 19 — *Sambaqui do Posto 5. Bem alterado por obras recentes.*

Não nos foi possível tomar dimensões, nem altura dêsse pequeno casqueiro.

Observa-se ali a existência abundante de lascas de quartzo, espinhas de peixe, e alguns seixos rolados.

Em vários cortes procedidos no terreno, com finalidade de obras, foi recolhido abundante material lítico, em parte existente no pôsto.

Há a destacar, porém, que é a única jazida, de que temos notícia, com bondes, ônibus e estrada asfaltada à porta.

2. *Curral das Pedras*

Localiza-se no meio de um pasto, no campo do Peixoto, cêrca de 500 metros da estrada da Matriz.



Fig. 20 — *Sambaqui do Curral das Pedras (campo do Peixoto).*

Tem um perímetro de 100 metros, por cêrca de 3,50 de altura. Foi feito o acúmulo de ostras (quase só *ostrea*), aproveitando um agrupamento de grandes pedras em meio da restinga.

Há basta vegetação com predomínio de sepetiabeiras.

Após 0,20 m de terra preta compacta, há a camada conchifera, que por vêzes termina sôbre a pedra.

3. *Sambaqui da Matriz*

Defronte do quilômetro 13, na estrada da Matriz, distante 180 metros da linha do bonde.

Destruído há cêrca de dez anos, para fazer cal, segundo informações do Sr. FRANCISCO TELLES, aparentado com os donos da terra.

Há ainda traços da jazida (elevação do terreno, fragmentos de ostras, lascas de quartzo).

Havia *Ostrea* especialmente, conforme apuramos.

Referem-se, também, ao aparecimento de vários esqueletos na remoção da terra para a coleta de ostras.

MARGEM DIREITA DO RIO PIRACÃO

Serviu-nos de eixo na presente discriminação a vala do Rumo (braço central do rio). Êste, continuando-se em busca do mar, recebe

o rio Anil, à direita, e o rio do Furado, na Panela do Pai João, à esquerda, prossegue daí em destacada curva conhecida como Volta Escura.

Nada menos de cinco jazidas estão colocadas nesse trecho.

1. *Sambaqui do Telles*

Localiza-se em meio de manguezal, distando 50 metros da margem da vala do Rumo e a menos de 100 metros da confluência do rio do Anil.

Cêrca de 50 metros de perímetro por um metro de altura, formando um *plateau*.

Distante, aproximadamente, 60 metros do sambaqui das Piteiras ou do rio do Anil.

Em poço *test* foi observado:

a) Camada húmica de 0,0m a 0,30m de profundidade.

b) Camada de terra marrom escuro, com *Ostrea* sp. fragmentada, *Strophocheilus ovatus* Müller, *Phacoides pectinatus*, espécies da família *Mytilidae* e *Anomalocardia brasiliiana* em menor quantidade, de 0,30m a 0,60m aproximadamente.

c) Terra cinzenta com muita *Ostrea*; lascas de quartzo, restos de peixe. Há carvão há cêrca de 0,80m, logo após a camada estéril.

d) Argila pardo-amarelada.

Encontram-se indicações de restos de comida. Os ossos humanos são achados logo abaixo da camada húmica.

2. *Sambaqui das Piteiras ou do Rio do Anil*

Erigiu-se justamente no retalho de terreno, existente na junção da vala do Rumo, com o rio do Anil, para formar o rio Piracão propriamente dito.

Fica pois na margem direita da vala do Rumo e esquerda do rio do Anil, bem à beira da água. Acompanha-os, em ambos os lados, em cêrca de 50 metros. Com precisão não foi possível medir-lhe o perímetro, em virtude da vegetação eminentemente hostil.

Vê-se, entretanto, que passa bastante dos 150 metros.

A sua altura é de aproximadamente 3 metros do nível da água, que o limita por dois lados.

O material malacológico observado é análogo ao da maioria das jazidas, havendo, pois, predomínio de *Ostrea*.

Na camada superficial, até 0,20m aproximadamente, há terra preta, com algumas carapaças de moluscos.

Abaixo desta, uma camada de terra fina, acinzentada, como cinza, com ossos de peixe, de vários tamanhos, *Ostrea*, *Phacoides pectinatus*, fragmentos de quartzo, seixos rolados, ossos humanos.

A camada artificial, colocada sôbre a argila da base, não chega a atingir um metro.

Entre o material lítico coletado, em tudo semelhante ao das outras jazidas, há a destacar um machado de pedra polida. Achava-se fragmentado (fig. 23), estando ainda bem conservada a extremidade correspondente ao gume.



Fig. 21 — *Sambaqui do rio do Anil ou das Piteiras (confluência da vala do Rumo com o rio do Anil para formar o Piracão).*



Fig. 22 — *Sambaqui do rio do Anil ou das Piteiras (ver o material conchífero).*

Tais artefatos foram bem descritos por HANS STADEN (1) no primeiro século após o descobrimento, como “uma espécie de pedra preta, azulada, a que davam a forma de cunha, cuja parte mais larga é mal-cortante, com mais ou menos um palmo de comprimento, dois dedos de grossura e a largura de u'a mão. Umas são maiores, outras menores. Tomam depois um pau fino que vergam ao redor da pedra e amarram com fibras de embira”.

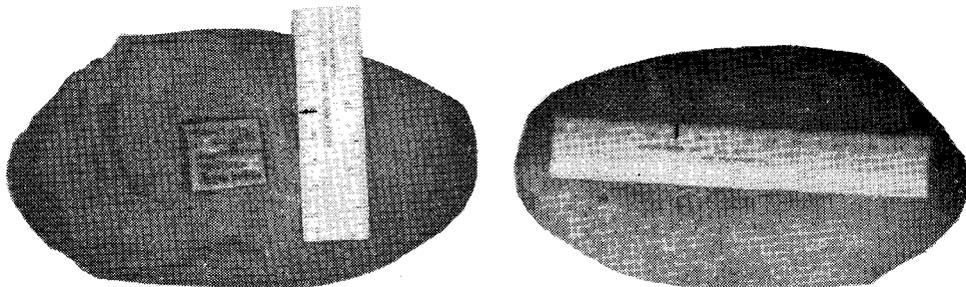


Fig. 23 — Machado. Fotografado em ambas as faces. Sambaqui do rio do Anil ou das Pitetas. (Reduzido em tamanho. O traço mais acentuado na escala anexa, indica 5 centímetros).

Não ocorreram fragmentos de cerâmica.

A jazida achava-se encravada em diversos pontos, com finalidades não averiguadas (retiradas de ostras? fabrico de carvão?).

Parece, entretanto, conservar ainda alguns setores com possibilidade de estudo.

3. Sambaqui da Panela do Pai João

Localiza-se a 120 metros da margem direita do rio Piracão, além da Panela do Pai João, na Volta Escura, dentro do manguezal.

É vizinho do capão do Gentio e do Capãozinho, dois sambaquis do campo do Peixoto, ilhados em terrenos sem vegetação, sujeito a ação das marés, que recebe a denominação local de “apicum”.

Tem cêrca de 30 metros no seu maior diâmetro norte-sul, e 25 metros no leste-oeste. Aproximadamente 80 metros de perímetro. Altura de um metro.

Após a camada húmica, com 20 centímetros aproximadamente, encontra-se uma camada de 30 centímetros, com predomínio de *Ostrea*, e alguns *Phacoides pectinados*, englobados por uma como que argila dura. Achadas algumas lascas de quartzo. Não foram evidenciados fragmentos de cerâmica.

Merecem especiais referências os materiais catalogados com os números 172 e 173 (fig. 24).

Tratava-se de dois enterramentos, com os crânios distantes 25 centímetros um do outro. Encontravam-se no setor sul, a três metros da margem da jazida, com a lama do mangue.

172 — Da superfície até cêrca de 0,20m de profundidade. Crânio muito fraturado. E por se achar inteiramente à flor da terra, teve destruída parte da calota, que foi completamente perdida.

Face voltada para oeste. Decúbito lateral direito. Dedos na bôca. Dentes muito desgastados, com o aspecto típico a essas populações.

173 — Enterramento. Feminino (?). De 0,25m a 0,45m de profundidade, chegando à argila da base.



Fig. 24 — Restos de dois crânios, de enterramentos próximos. Sambuqui da Panela do Pai João.

Face voltada para oeste. Dedos dentro da bôca.

Como adereços fúnebres apenas raras lascas de quartzo.

Dentes com os desgastes típicos, hipercimentose, e alguns focos apicais por exposição pulpar pela abrasão.

4. *Capão do Gentio (do Gentil, ou do Peixoto)*

Trata-se de um capão, com cerrada vegetação, ilhado no “apicum”, que se estende em grande extensão no campo do Peixoto. É de limites imprecisos. Dista 200 metros da margem direita do rio Piracão, do trecho designado Volta Escura. Entre o rio e o casqueiro há cêrca de 120 metros de manguezal cerrado. Fica a cêrca de dois quilômetros da estrada da Matriz.

Apresenta na sua superfície várias ondulações, com grande predomínio de conchas, chegando algumas a um metro de altura.

Localizado assim nessa vasta área de campos, manguezais e trechos alagados, o capão do Gentio constitui como que um oásis, bem conhecido pelo povo e pela fauna da região.

É êle refúgio eventual de animais diversos.

Daí os caçadores clandestinos procurarem-no, por vêzes, e o revolverem, especialmente para desentocar tatus.

Pelo rio, costuma também sair madeira, particularmente de suas sepitiabeiras gigantes.



Fig. 25 — Capão do Gentil, do Gentio, ou do Peixoto (sambaqui). Ilhado no “apicum”.

Como a maioria das jazidas da área, apresenta na superfície uma camada delgada de húmus. Seguindo-se logo abaixo a camada rica em carapaças de moluscos, com o predomínio de *Ostrea* sp., seguida pelo *Phacoides pectinatus*, e espécies da família *Mytilidae*. Alguns *Strophocheilus ovatus*. Raros outros espécimes.

Ocorrem também aí restos de crustáceos, especialmente pinças de caranguejos e siris, ossos de grandes peixes, notadamente vértebras, raros ossos de outros animais. Ossos humanos.

Há carvão. O material lítico apresenta destacadamente as lascas de quartzo e as pedras, sem aparente mostra de trabalho, comuns às outras jazidas.

A característica particular dêsse casqueiro é a abundância de fragmentos de cerâmica, encontrados até cerca de 30 centímetros de profundidade.

A jazida parece repousar sobre base de argila.

5. Sambaqui do Capãozinho

A 100 metros, na direção sul do capão do Gentio. Dista 200 metros da margem direita do rio Piracão, onde há cerca de 100 metros de manguezal cerrado. É uma pequena ilha em meio do “apicum”.

Tem 50 metros de perímetro, por aproximadamente 1 metro de altura.

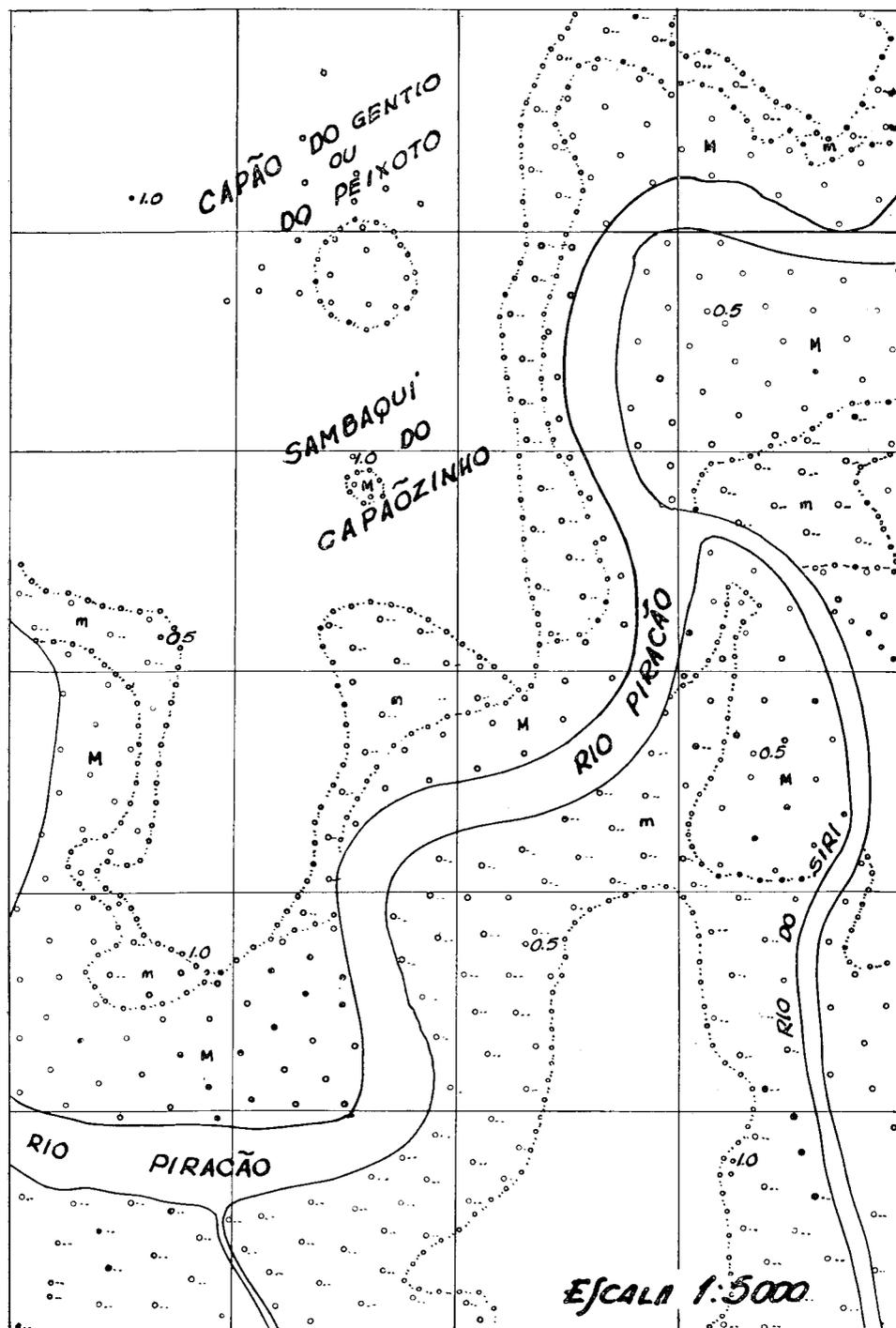


Fig. 26 — Capão do Gentio ou do Peixoto e sambaqui do Capãozinho.
(Fonte: Fôlha 103 — Serviço de Topografia — Departamento de Urbanismo. SGVO — GB)

Mesma estrutura do capão do Gentio, seu vizinho próximo, em relação aos restos de comida, e material lítico, ósseo e cerâmico.

Merecem registro destacado os materiais catalogados com os números 52 e 171.

52. Enterramento de criança. De 0,40m a 0,70m. Posição fletida. Face para baixo. Muito fraturada, permitindo, porém, boa restauração do crânio (fig. 28).

Junto ao esqueleto: *Ostrea* sp., *Phacoides pectinatus*, fragmento de ponta de flecha em osso. Mais superficialmente, lascas de quartzo e fragmento de cerâmica. Alguns destes com decoração à unha.

As pontas de flecha em osso são abundantísimas na Guanabara, ao contrário do que ocorre em Vitória, segundo observamos.

São artefatos de osso (diáfises, possivelmente de ossos de ave), desgastados em meia cana, e apontados em uma ou ambas as extremidades.



Fig. 27 — Sambaqui do Capãozinho (campo do Peixoto)



Fig. 28 — Enterramento de criança. Ver o crânio no terreno (ossos desarticulados) e após restaurado. Sambaqui do Capãozinho.

Devem ser análogos àqueles de que nos fala HANS STADEN (48): “as pontas das flechas são de osso, que aguçam e amarram; também fazem-nas de dentes de peixe a que chamam tiberaum e que apanham no mar”.

Há a anotar, que embora ocorram, os dentes de tubarão não são muito freqüentes nessas jazidas.

171. Enterramento. Adulto. De 0,40m a 0,55m. Posição fletida. Face voltada para sudoeste. Decúbito lateral esquerdo. Bem fragmentado. Distante 90 centímetros do enterramento n.º 52. Dentes: Havia para anotar pequena cárie em um dos terceiros molares inferiores. No mais, de acôrdo com as características dos dentes dessas populações.

MARGEM ESQUERDA DO RIO PIRACÃO

1. *Sambaqui do Atolador*

Fica situado no campo de Guaratiba, a mais de quilômetro atrás da Matriz, entre o início da vala do Rumo (margem esquerda) e a vala do Carijó (margem direita).

No meio de área alagada (tabual, sapal, etc.), verdadeiro *atolador*.

Meio alongado, tem 22 metros na direção norte-sul, por 12 metros na leste-oeste. Pouco mais de um metro de altura.

Coberto de capim, apresentava ainda seis sepetiabeiras.

Ao capinar pequena área surgiu fragmento de cerâmica, um osso de pé humano, uma vértebra de peixe.

Constituição análoga aos demais, havendo no material malacológico, predomínio de *Ostrea*, misturada a abundante terra preta. A cêrca de 0,50m encontra-se a argila da base.

Deve ser referido um enterramento de recém-nato. Tratava-se de um triturado de ossos de criança, a aproximadamente 0,40m de profundidade. Apareciam juntamente, uma ponta de seta em osso, e dois caninos de animal, perfurados, para bracelete ou colar.

2. *Sambaqui da Praia do Malhador*

Localiza-se, juntamente com o casqueiro do Atolador e o do Cerâmio, na faixa de terra (cêrca de um quilômetro) entre a vala do Rumo e o início de outro braço do Piracão, o rio do Furado.

Situado na extremidade de uma porção de terra enxuta, ilhado em um "apicum", quase mangue, o casqueiro dito Praia do Malhador, transforma-se em verdadeira ilha nas marés altas.

Embora não podendo tomar dimensões precisas, por singela inspeção, tem a forma alongada, com 50 metros de comprimento por 30 de largura.

Constitui um *plateau* que se eleva cêrca de um metro acima do "apicum" circundante.

Tem, ainda, bem interessante vegetação, ensombrando-o em grande parte. Daí talvez o seu nome "Praia do Malhador".

Pois como nos ensinam H. LIMA e G. BARROSO, no *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, 9.^a edição, 1951 (49), "malhador" é "lugar plano e sombrio onde o gado se deita para ruminar e descansar".

Realmente ali, com freqüência, se recolhem boiadas para repousar. Talvez, por isso mesmo, muitos ossos humanos enterrados superficialmente acham-se fraturados e disjuntados.

Assim registramos no caderno de campo:

Terra preta e *Ostrea* até cêrca de 0,20m. Abaixo, terra sôlta, como cinza, fragmentos de conchas, pinças de caranguejos, ossos de peixe e outros animais.

Os enterramentos e os ossos esparsos, achavam-se na parte superficial, repousando sobre camada aparentando cinza. Material cultural: pontas de flecha em osso, concha perfurada, osso longo de animal, preparado como apito. Alguns seixos rolados. Não foram achados fragmentos de quartzo.

Não foi encontrada cerâmica no lugar dos enterramentos, havendo-a, porém, na camada superficial.

Em um setor, a 0,50m de profundidade, junto a algumas pedras, havia carvão e espinhas de peixe (fogão?).

O carvão era comum na jazida.

A cerca de 0,80m de escavação, chega-se à argila.

Os enterramentos mostram as características gerais da zona (fig. 29).

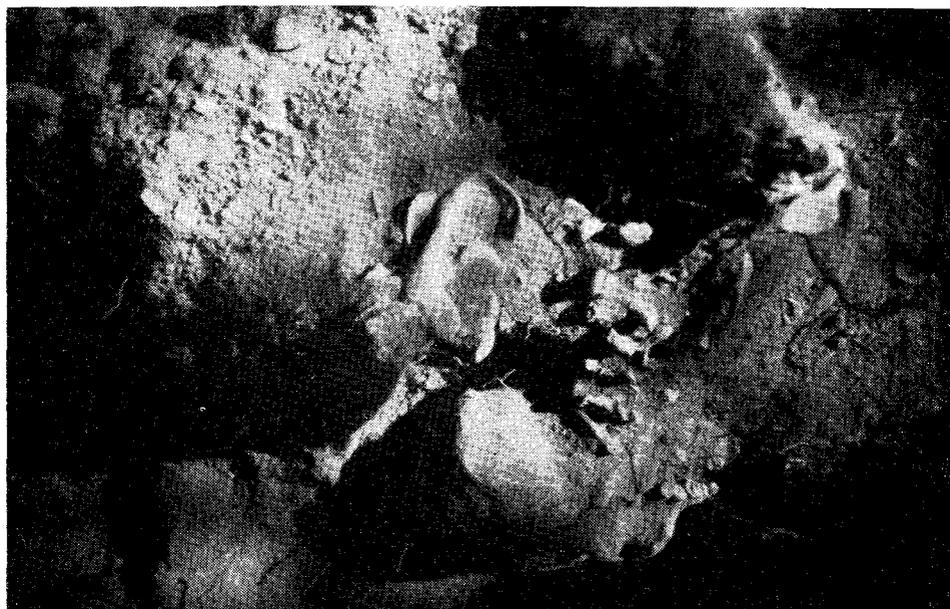


Fig. 29 — Enterramento. Posição fletida. Crânio próximo à pélvis. Samboqui da praia do Mulhador.

Todos em posição fletida, por vezes com alguns fragmentos de pedra, como diábase, junto aos ossos, maior acúmulo de ostras, carvão.

Merecem estudos pormenorizados, o que será posteriormente feito, certos tipos particulares de desgaste dentário, diversas anomalias, e a grande espessura da abóboda craniana de certos espécimes, ali encontrados (fig. 30).



Fig. 30 — Ossos de crânio de sambaqui (os do centro) e de homem civilizado atual (ver a grande espessura dos primeiros).

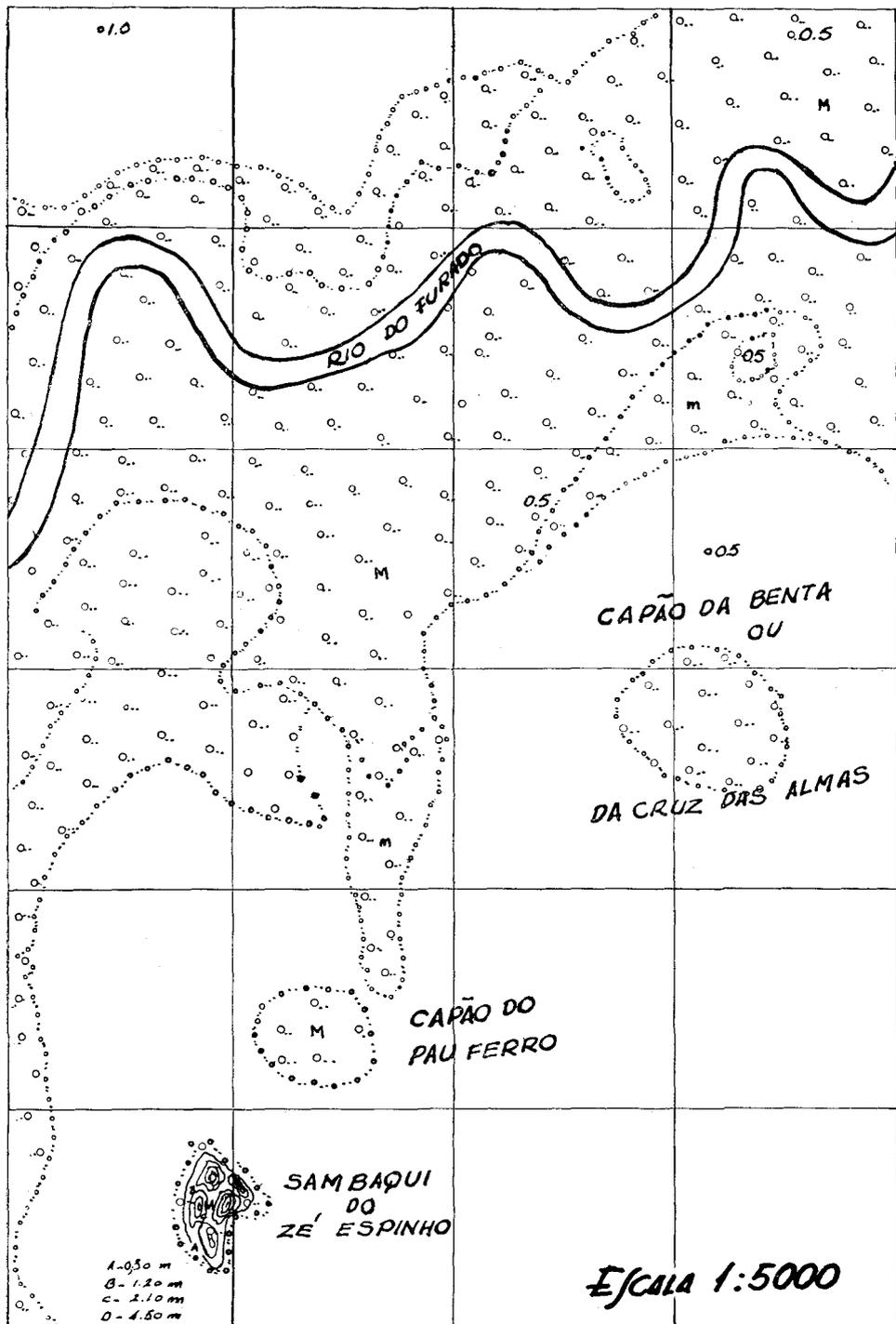


Fig. 31 — Capão da Benta, do Pau-Ferro e sambaqui do Zé Espinho
 (Fonte: Fôlha 103 — Serviço de Topografia — Departamento de Urbanismo. SGVO — GB)

3. *Sambaqui do Cerâmio*

Muito próximo do casqueiro da Praia do Malhador, a êle muito se assemelha.

Tem, porém, camada pouco espessa de terra preta, e terra preta e ostras, chegando à argila aos 0,30 m ou 0,40 m de profundidade.

O que nela chama a atenção é a grande abundância de fragmentos de cerâmica indígena, em suas camadas superficiais.

* * *

Na área compreendida entre a margem esquerda de um dos principais braços do Piracão — o rio do Furado — e a margem direita de outro braço — o rio do Siri — há a consignar três casqueiros: o do Pau-Ferro, o da Benta (ou da Cruz das Almas) e o do Zé Espinho (v. mapa da fig. 31).



Fig. 32 — *Capão do Pau-Ferro (vegetação ao fundo). Bacia do Piracão.*

A área, como tôdas as restingas da região, é constituída de manguezais, conservando ainda a vegetação própria à margem dos canais,



Fig. 33 — *Sambaqui do Zé Espinho. Bacia do Piracão.*

de campos, ditos "sapais", onde predominam plantas rasteiras de terras salobras, especialmente uma quenopodiácea, conhecida no local pelo nome de *soda*, e os "apicuns", áreas desguarnecidas de vegetação e sujeitas, em algumas épocas, à ação das marés. No meio dessa área, destacando-se, por vèzes, há os capões, geralmente terrenos ricos em ostras e mais elevados, onde existe uma vegetação diferente. São cerrados, onde predominam especialmente as sepetiabeiras (quixabeiras em Vitória, Espírito Santo) e as aroeiras. Destacam-se, qual fôssem ilhas, na planura das restingas.

Três dêesses capões merccem nossos registros.



Fig. 34 — Capão da Benta ou da Cruz das Almas (ao fundo). Bacia do Piracão.

1. Capão do Pau-Ferro

O capão do Pau-Ferro, assim designado, por ter nêle existido uma árvore de madeira de lei, dessa espécie. Situa-se em meio ao "apicum", a 400 metros da margem esquerda do rio do Furado. Tem um perímetro aproximado de 300 metros. Há, pelas suas margens e interior algumas elevações, montículos de areia, com algumas ostras. A altura dessas pequenas dunas chega às vèzes a um metro.

Uma das elevações, porém, mais para o interior, mostrava uma camada de terra preta (camada húmica) na superfície, tendo logo abaixo terra e ostras.

O bosque, que cobre êsse casqueiro é bastante denso, não possibilitando um fácil estudo.

2. Capão da Benta (Cruz das Almas)

Só aqui anotado, por ser um casqueiro bastante referido na região. Pela natureza do terreno, mostra um cerrado bem denso, não sendo fácil o acesso ao seu interior.

É baixo, pouco acima do nível dos lamaçais circundantes, apresentando à escavação uma delgada camada de ostras. Ocupa uma área regularmente ampla.

Parece mais um depósito natural de carapaças de moluscos.

3. Sambaqui do Zé Espinho

Situado a 500 metros da margem esquerda do rio do Furado e a 100 metros do capão do Pau-Ferro. Destaca-se, como se fôsse uma ilha, no terreno sem vegetação que o circunda.

Tem 300 metros aproximadamente de perímetro. O seu contorno é irregular, mostrando no seu interior várias elevações, a maior das quais chega a 4,50 m de altura.

Escavação — *test* de 2m x 2m e 1m de profundidade.

1) Após 0,20 m de terra preta;
2) encontramos 0,30 m de conchas (*Ostrea* especialmente) e terra preta.

3) A seguir terra fina, acinzentada, como cinza, com grande quantidade de *Ostrea* sp., alguns *Phacoides pectinatus*, e raros *Strophocheilus ovatus*. Pinças de caranguejos, grandes e pequenas vértebras de peixes, ossos de alguns outros animais. Núcleos e lascas de quartzo, seixos rolados. Cêrca de 0,20 m de carvão, ossos de peixe e outros de vertebrados (fogão?). Há a anotar uma lasca de osso longo, com 0,25 m de comprimento, apontado por desgaste em uma das extremidades (ponta de seta? perfurador?). Encontrado a 0,30 m de profundidade.

Nessa jazida da superfície até 0,30 m, foram achados alguns fragmentos de cerâmica e ossos humanos, como material de rolamento.

Abaixo há os enterramentos. Todos em posição fletida, tendo aparecido alguns machados de pedra polida, como aderêco mortuário (figs. 35 e 36).

Merecem comentários os materiais numerados como 102, 103, 104, 105, 106 e 110.

102 — Enterramento. Criança; de 0,20 m a 0,40 m. Posição fletida. Não foi encontrado o crânio. À peneiragem da terra apareceram, porém, três dentes. Sôbre êsse esqueleto havia alguma areia de praia, parecendo posta propositadamente. Carvão.

103 — Enterramento. De 0,90 m a 1,20 m. Fletido, decúbito lateral, crânio voltado para oeste, repousando sôbre um machado de pedra polida (fig. 35) e um seixo rolado, com feíto aproximado de machado. Várias pontas de flecha em osso, sendo uma bem alongada. Indivíduo masculino, adulto, agigantado, com os ossos muito fragmentados. Crânio em inúmeros pedaços. Mandíbula fragmentada. Não foram achados os maxilares superiores. À peneiragem, porém, da terra, apareceram vários dentes. Terra como cinza, com abundância de restos de ostras (especialmente *Ostrea*). Várias galerias cavadas por tatus, sob o enterramento.

104 — Enterramento. Criança, 1,00 m a 1,25 m. Posição fletida. Decúbito lateral esquerdo. Havia um dente de tubarão, com 2 furos, próximo ao enterramento.

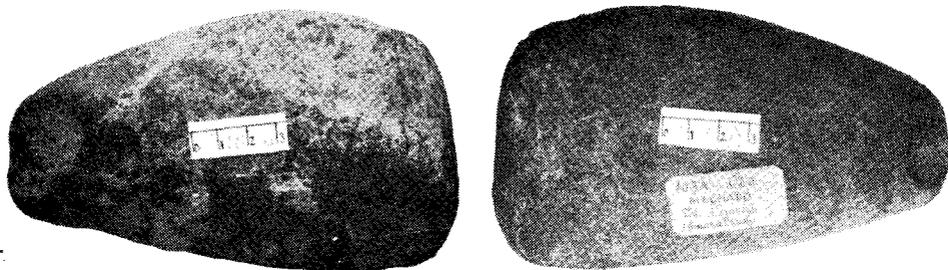


Fig. 35 — Machado. Fotografado em ambas as faces. Junto a enterramento. Sambaqui do Zé Espinho. (Reduzido em tamanho. Compare-se com os 3 centímetros que junto aparecem).

Deve ser anotado que êsses três enterramentos estavam no mesmo quadrado de 2 x 2 metros.

Estudando essa trincheira, que foi escavada até a base da jazida, observou-se:

1) Superfície, até 0,10 m a 0,30 m, conforme o ponto escavado, havia terra humosa, com ossos humanos, material de rolamento, e raros fragmentos de cerâmica.



Fig. 36 — Machado. Fotografado em ambas as faces. Junto a enterramento. Sambaqui do Zé Espinho.

2) Daí até 0,40 m, muita ostra (*Ostrea* especialmente); ossos humanos esparsos, um machado de pedra polida, lascas de quartzo, pontas de flecha em osso.

3) Abaixo até 1,20 m, terra com cinza com fragmentos de carapaças de moluscos.

4) Daí para baixo, areia, tipo de praia, com colorações diferentes: primeiro acinzentada, depois branca, levemente avermelhada (corante vermelho?), chegando a cêrca de 2,00 m onde se encontrava uma base de argila escura.

105 — Enterramento. De 0,30 m a 0,55 m, posição fletida. Masculino, velho. Muito fraturado. Não foram encontrados os maxilares superiores. Duas pedras, como batedores, junto ao esqueleto. Mais de uma dúzia de pontas de flecha, em osso.

106 — 0,30 a 0,50. Enterramento. Posição fletida. Face para baixo. Adulto velho (?). Ossos do crânio muito espessos. Esqueleto muito fraturado. 2 dentes de colar (caninos de animais).

110 — 0,70 m a 0,90 m. Sepultamento. Posição fletida. Crânio para noroeste. Coluna vertebra na direção noroeste-sueste. Adulto velho. Feminino (?). Acompanhavam o esqueleto 3 dentes para colar, 2 lascas de quartzo, ossos múltiplos de um grande peixe. Na parte superficial raros pedaços de cerâmica lisa. Há perda de 6 dentes *in vivo*, e adiantada paradontopatia, ao lado de acentuada abrasão dentária.

O que se observa nos dentes dessas populações extintas, é especialmente o acentuado desgaste. Toma o aspecto, especialmente nos primeiros molares, de bico de flauta (3), isto é, em plano inclinado. Nos molares inferiores tal plano se inclina para o vestibulo, ao contrário dos superiores, onde a inclinação é para o palato.

EMPERAIRE e LAMING (21) chamaram a atenção para o fato, descrevendo essas abrasões ditas em bisel.

CAPÃO DO SURUCAÍ

Na margem esquerda do rio do Siri, no vasto mangue que se prolonga até o canal do Pedrinho, defronte à restinga da Marambaia, há um casqueiro, que merece aqui apenas citação, — é o capão do Surucaí.

Dista cêrca de 400 metros da margem do rio do Siri, de que é separado por mais de 300 metros de manguezal cerrado. Confina em parte com um areal, e em outra com manguezais.

Tem cêrca de metro e meio de altura, estando todo cultivado.

Há mais ali úma palhoça e um poço (água potável). Não foi medido o perímetro. É menor, porém, do que o sambaqui do Zé Espinho.

Na superfície, 0,20 m de camada humosa, seguida de 0,30 m a 0,40 m de terra escura e ostras (especialmente *Ostrea* sp.), para encontrar-se abaixo areia fina, como se fôsse de praia.

Encontramos fragmentos de cerâmica lisa na superfície. Vimos algumas pedras roladas, ali achadas, entre os utensílios do morador.

Êste narra ter encontrado muitas lascas de *pedra cristal* (*sic*). quando revolveu o terreno para fazer plantações.

É a jazida de mais difícil acesso da região, não nos tendo sido possível apuração de outros dados.

RIO DO PORTINHO

MARGEM DIREITA

1. *Sambaqui do Vaso*

Localizado a 120 metros da margem direita do rio do Portinho. Tem 58 metros de perímetro, por metro e meio de altura. Acha-se em meio de uma capoeira rala, que serve atualmente de pasto. Essa área alaga-se na estação das chuvas.

A estrutura da jazida é análoga às demais. Assim, após a delgada camada de húmus, aparecem as carapaças, especialmente de *Ostrea*, com os *Phacoides pectinatus*, espécie da família *Mytilidae*, etc. em menor número.

A característica máxima dessa jazida é o abundante achado de fragmentos de cerâmica, que começam a aparecer a 0,10 m da superfície.

Em escavação de 2 x 2 em nível alto, apareceu, até cerca de 0,30 m, grande cópia de fragmentos de cerâmica, tipicamente tupi, com o mesmo aspecto da achada na ilha do Governador (5,6). Havia pedaços com decoração a traço vermelho e preto, como também os mais variados feitos de vasos.

Nunca os restos coletados foram suficientes para a restauração de peças. Apenas, em um ponto, alguns fragmentos, permitiram a reconstrução parcial de um alguidar, de aspecto original, não comum.

Foram achados também pontas de flechas em osso, fragmentos de quartzo, pedras roladas, parecendo diábase, sem marcas de polimento, algumas pedras em decomposição.

Merece destaque especial restos de esqueleto de criança, muito fraturados e incompletos, de 10,10 m a 0,35 m, tendo juntamente lascas de quartzo, restos de cerâmica, corante vermelho, carvão e alguns blocos de brechas.

Quando pela primeira vez visitamos a jazida, admirados pela grande abundância de cerâmica, buscávamos um nome para designá-la, houve a sugestão de um dos filhos do proprietário da terra: *murundu do Vaso*, a que adaptamos *sambaqui do Vaso*.

Tudo faz supor tratar-se de um verdadeiro cerâmio.

2. *Sambaqui do Piracão*

Localiza-se a 140 metros da margem direita do rio do Portinho, bem defronte da embocadura neste, do rio da Olaria.



Fig. 37 — *Sambaqui do Piracão (o clássico)*. Bacia do rio do Portinho.

Foi inteiramente destruído para fazer cal e farinha de ostras.

Estudado outrora por EVERARDO BACKHEUSER (7) que lhe deu o nome, por FRÓES ABREU (8), OTHON LEONARDOS (9), RAUL RIVET e senhora (10).

É o sambaqui clássico, da Guanabara.

Para estudo, nêle deixaram apenas o material lítico (figs. 38 e 39) jogado aqui e ali, e os restos de cerâmica lisa.

Ostras, esqueletos, a parte cultural, tudo fôra tumultuado ou destruído.

Sem valor, embora, pela impossibilidade de estudo estratigráfico, recolhemos dos restos do referido sambaqui alguns machados de pedra, artefatos líticos outros, e alguma cerâmica, que aqui ficam registrados.

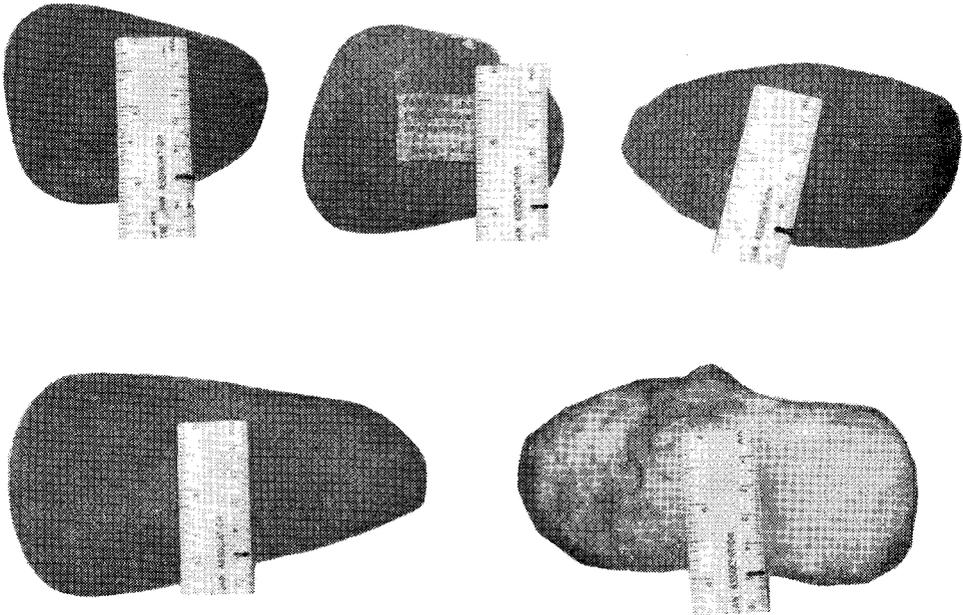


Fig. 38 — Machados. De pedra lascada e polida. (O traço mais forte na régua corresponde aos 5 centímetros). Sambaqui do Piracão.

Era um grande sambaqui, de que todos na zona guardam recordações.

Quando se fala em casqueiro, em Guaratiba, logo vem êle à baila. O rio do Portinho, é, em sua homenagem, dito por muitos, o rio do Casqueiro.

Outros ainda designam a elevação onde outrora repousou a jazida, de *murundu do Casqueiro*.

O termo *sambaqui do Piracão* só ficou entre letrados, sendo inteiramente ignorado pelos habitantes da região.

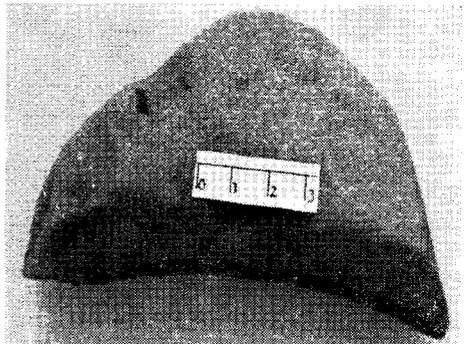


Fig. 39 — Pedra polida. Há peça análoga no Museu Catarinense. Sambaqui do Piracão.

Ficava situado entre seis outros sambaquis, que são anotados no presente trabalho.



Fig. 40 — *Sambaqui do Meio* (vegetação mais alta ao fundo). *Bacia do rio do Portinho*.

3. *Sambaqui do Meio*

Localiza-se a 70 metros da margem direita do rio do Portinho, entre o sambaqui do Piracão e o sambaqui Cabeça de Índio.

Trata-se de pequena jazida, no meio de área alagada no tempo das águas.

Tem aproximadamente 50 metros de perímetro por cerca de 1,80 m de altura.

Mesma estrutura dos demais, quanto a material malacológico e cultural. Tem cerâmica.

Muito revolvido, pelos caçadores de tatu especialmente, apresenta ossos humanos desde as camadas mais superficiais.

4. *Sambaqui Cabeça de Índio*

Situado a 80 metros da margem direita do rio do Portinho, no meio de área alagada. Circundado por vegetação de arbustos próprios de tais terrenos, que dificultam o acesso a êle.

Cerca de 180 metros de perímetro, por 2,30 m de altura.

As mesmas características estruturais dos outros sambaquis da área.

Há a considerar aí a ausência de cerâmica e de machados de pedra polida. Abundantes artefatos ósseos (figs. 42 e 43).

A maioria dos enterramentos dessa jazida, os do quadrante nordeste, já foram por nós relatados em trabalho anterior (11).

Os esqueletos achavam-se em posição fletida. Frequentemente com o crânio para leste e a coluna vertebral orientada de leste a oeste. Vê-

zes em decúbito lateral (mais do lado direito), observando-se também, quase sempre, que a face ficava voltada para baixo (fig. 44).

Poderíamos em adição referirmos ao material catalogado com os números 149 e 154.



Fig. 41 — *Sambaqui Cabeça de Índio (área das bananeiras). Bacia do rio do Portinho.*

149 — Enterramento, de 0,20 m a 0,40 m. Alguns fragmentos na superfície. Posição fletida. Foi encontrada do crânio só meia mandíbula. Orientada para baixo e no lado leste. Coluna vertebral na direção de leste a oeste.

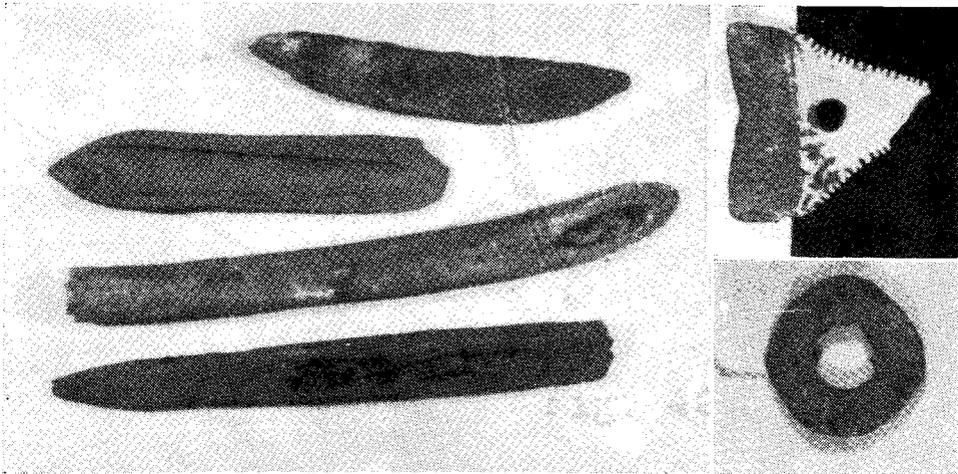


Fig. 42 — *Pontas de flecha em osso; dente de tubarão perfurado; arruela de peixe. Tamanho normal. Sambaqui Cabeça de Índio.*

Só foram coletados os ossos à flor da terra, mostrando até marcas de fogo das queimadas, que muitas vêzes deve ter havido sôbre êsse sambaqui.

Considerando-se, porém, que tal enterramento se localizava na dama da jazida, foi ali deixado.

O preparo, entretanto, daquela coluna de terra, permitiu a coleta dos dados enumerados.

154 — Enterramento. De 0,40 m até 0,60 m. Chega até à argila da base. Posição: apenas as pernas achavam-se fletidas. O crânio e o tronco mantinham a mesma linha. Braços discretamente afastados do tronco. Crânio para leste. Coluna vertebral de leste a oeste. Decúbito lateral esquerdo.

Os dentes mostram os aspectos comuns a essas populações:

1 — Nanismo ou ausência dos terceiros molares com grande frequência.

2 — Ocorrência de:

- a) dentes em pá;
- b) dentina secundária, contrabalançando os desgastes;
- c) extensas abrasões típicas, indo até ao 4.º grau de broca;
- d) exposição da câmara pulpar pelas abrasões, não compensadas pela dentina secundária;
- e) aparecimento então de granulomas e cistos;
- f) tártaro salivar;
- g) raras perdas dentárias *in vivo*.

3 — Parodonto quase sempre normal.

4 — Ausência da cárie.

5 — Raras exostoses alveolares na área dos molares.

A radiografia da fig. 45 evidencia alguns desses aspectos.

Essa jazida fôra, desde muito tempo, bastante revolvida, especialmente para a lavoura. Apresenta ainda, na atualidade, bananeiras, que ali vicejam.

Contam que nela fizeram roças, primeiramente, há mais de meio século, D. QUINTINA TELLES, falecida em novembro de 1962, com mais de 120 anos; depois D. MARIA ROGÉRIA, há mais de 30 anos, e ultimamente o Sr. LUÍS NUNES.

Daí justificar-se o pequeno número de enterramentos encontrados, e o muito numeroso material de rolamento.

Não obstante, um fato merece registro: a quase totalidade dos enterramentos achava-se no quadrante

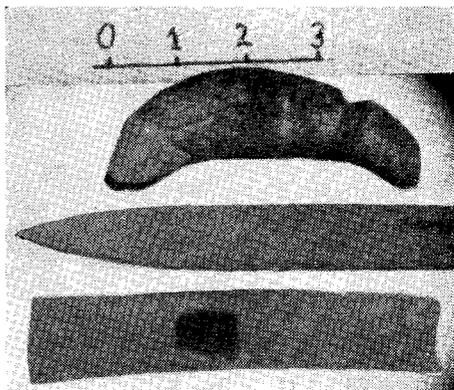


Fig. 43 — Dente com entalhe. Ponta de fleza. Sambaqui Cabeça de Índio. Apito em diátese. Sambaqui da raia do Malhador. Comparar o tamanho com os 3 centímetros da escala.



Fig. 44 — Crânio muito fragmentado. Enterramento no sambaqui Cabeça de Índio.

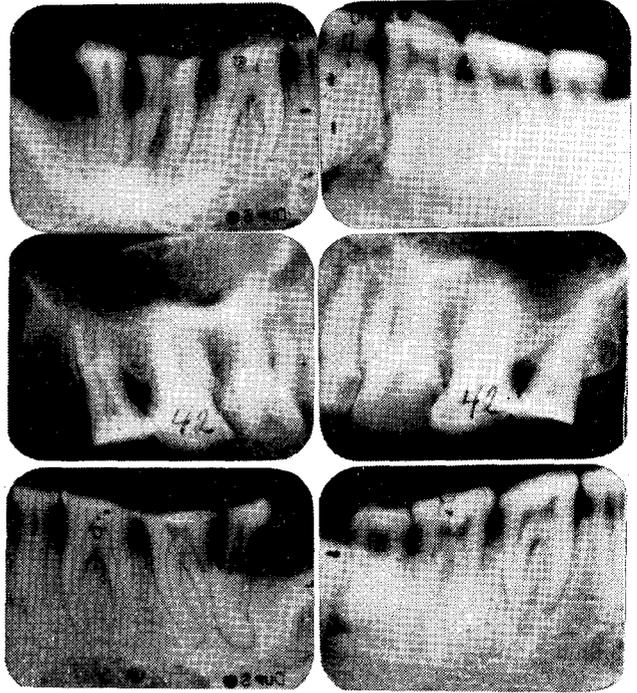


Fig. 45 — Radiografias dentárias. Sambaqui Cabeça de Índio.

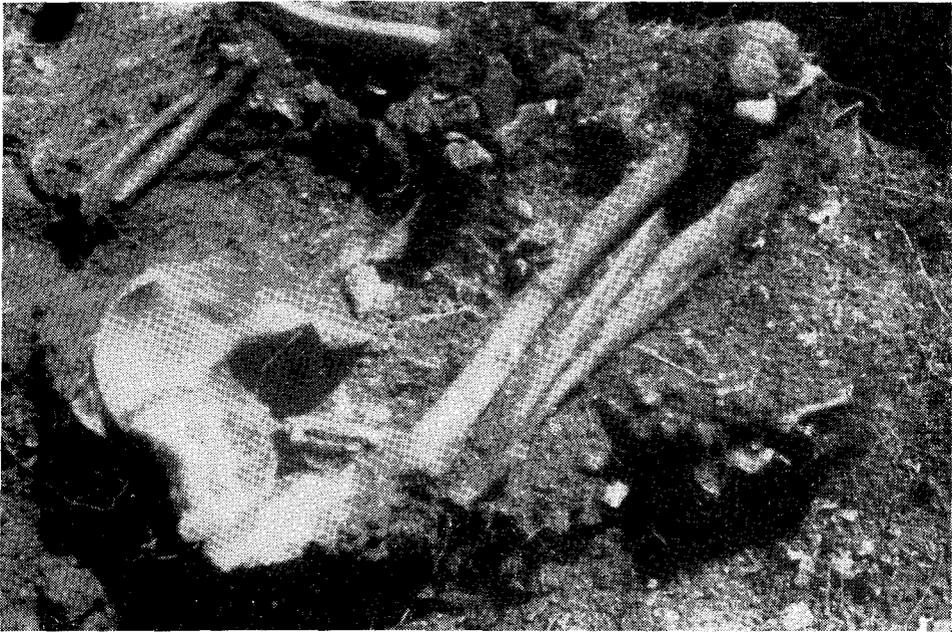


Fig. 46 — Enterramento. Posição fletida (faltava crânio e numerosos ossos). Sambaqui Cabeça de Índio 2."

te nordeste, onde também havia a maior quantidade de ossos humanos esparsos. Um enterramento no setor sueste, um no centro da jazida (na dama) e nenhum nos setores noroeste e sudoeste, onde também raros foram os ossos humanos encontrados.

Como foi dito na publicação referida (11), a parte artificial da jazida raramente chegava a um metro de profundidade. Aí aparecia a elevação de argila sôbre a qual se edificou o sambaqui.

Outros pormenores encontram-se em trabalho já publicado (11).

5. *Sambaqui Cabeça de Índio II*

Localizado a 110 metros da margem direita do rio do Portinho, próximo ao Cabeça de Índio.

De contôrno irregular, tem um perímetro de cêrca de 90 metros. Alongado, mostra o seu maior eixo (este-oeste) de 40 metros, por 20 metros, na direção norte-sul.

Tem uma altura aproximada de 2,50 m.

Estrutura análoga às outras jazidas, havendo uma camada artificial de pouco mais de 0,60 m, repousando sôbre uma elevação de argila.

Como no Cabeça de Índio, não havia cerâmica, nem machados de pedra polida.

Merecem registros especiais os materiais catalogados com os números 167 e 169.

167 — Enterramento de 0,20 m a 0,45 m. Posição fletida. Crânio para oeste, coluna vertebral orientada de oeste a leste. Ótimas condições de conservação.

Repousa sôbre leito de terra fina, como cinza. Fragmentos de quartzo, corante vermelho, e abundantes carapaças de *Ostrea*, com raros *Phacoides pectinatus*, em relação com o crânio. Carvão.

Nada de extraordinário, nas arcadas dentárias.

169 — Enterramento. 0,30 m a 0,45 m. Posição fletida. Bacia em posição como que sentada. Não havia crânio, o esqueleto começando a aparecer na escavação, pelas vértebras lombares. Encontrado fragmentos de vértebra cervical, destacado. Costelas abaixo da pélvis (fig. 46).

Lascas de quartzo, quatro pontas de flecha em osso.

É possível que o crânio e as vértebras cervicais e dorsais fôsem removidas, em escavação anterior, para a caça de algum tatu.

É também digno de menção o encontro a 0,30 m de profundidade de uma pedra, irregularmente cordiforme, com aproximadamente 0,25 m x 0,23 m x 0,30 m nos lados, por cêrca de 0,08 m de espessura. Apresentava no centro uma concavidade com 8 centímetros de diâmetro, por 24 milímetros de profundidade. Deveria ter sido usada como almofariz (fig. 47).

Também entre o material lítico do sambaqui de Vila-Mar, há um fragmento, com grande analogia, a essa pedra.

A concavidade central, porém, tinha maior diâmetro.

Pormenoriza EVERARDO BACKHEUSER (7) um utensílio semelhante, encontrado no sambaqui do Piracão:

Dos objetos curiosos também achados descrevem-nos uma pedra (talvez diábase), em forma de prisma triangular tendo uma cavidade arredondada.

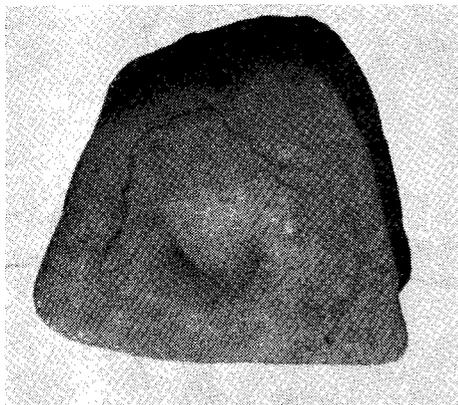


Fig. 47 — Almojariz reduzido a 1/8 do tamanho normal. Sambaqui Cabeça de Índio 2.

Foi essa pedra, preciosa sob o ponto de vista arqueológico, utilizada como pilão em uma casa de Guaratiba. Indo nós ansiosos à sua procura, soubemos ter sido perdida em uma mudança” (BACKHEUSER, p. 44 — *Geologia do Distrito Federal*).

6. Sambaqui do Caminho do Cajueiro

Mais distante do que as jazidas precedentes da margem direita do rio do Portinho. Fica em meio a pasto de capim-da-colônia, plantado nos descampados entre várias capoeiras.

É um pequeno casqueiro.



Fig. 48 — Sambaqui do Caminho da Cajazeira. Bacia do rio do Portinho.

Com cêrca de 40 metros de perímetro, tem apenas 1 metro de altura. Constitui um pequeno capão com árvores frondosas.

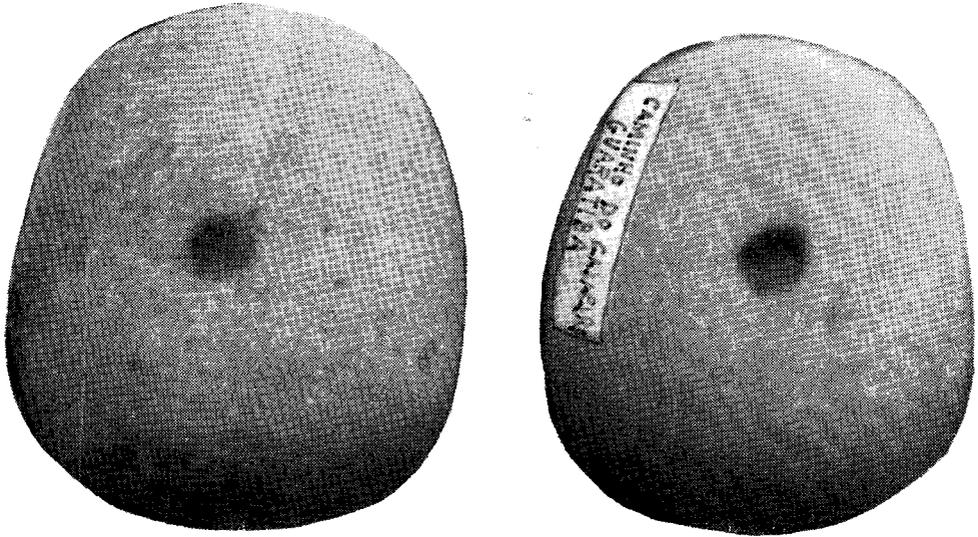


Fig. 49 — Quebra-côco, reduzido à metade do tamanho normal. Sambaqui do caminho da Cajazeira.

A sua estrutura tem muita analogia com quase todos os casqueiros da zona, quer quanto aos restos da fauna remanescentes, quer quanto ao carvão, aos artefatos líticos, ósseos, ou outros. Lascas de quartzo, quebra-côcos (fig. 49), seixos, machados de pedra lascada ou com o gume polido, dentes furados para colar, pontas de flecha em osso, etc., foram ali encontrados.



Fig. 50 — Aspectos de dois enterramentos próximos, mas em níveis diferentes. Sambaqui do Caminho da Cajazeira.

Havia raros fragmentos de cerâmica lisa, com os caracteres e decorações usuais na Guanabara.

Não obstante a pequenez da jazida, apresentava abundância de restos de ossadas humanas, espalhados em todos os extratos, e numerosos enterramentos. Êsses mostravam-se desde a superfície até penetrarem, por vêzes, na argila da base (figs. 50, 51, 52, 53 e 54).



Fig. 51 — Enterramento. Adolescente (ver desarticulação dos ossos do crânio). Posição fletida. Sambaqui do Caminho da Cajazeira.



Fig. 52 — Enterramento. Adulto. Posição fletida. Sambaqui do Caminho da Cajazeira.

De crianças ou adultos, estavam sempre em posição fletida.

Quatro machados, lascados e meio polidos (fig. 55) e uma lâmina de pedra polida, com um furo (adorno peitoral?), figuravam em um agregado de ossos humanos (0,25 m a 0,50 m), que tudo indicava, constituíam o *reliquat* de um enterramento.

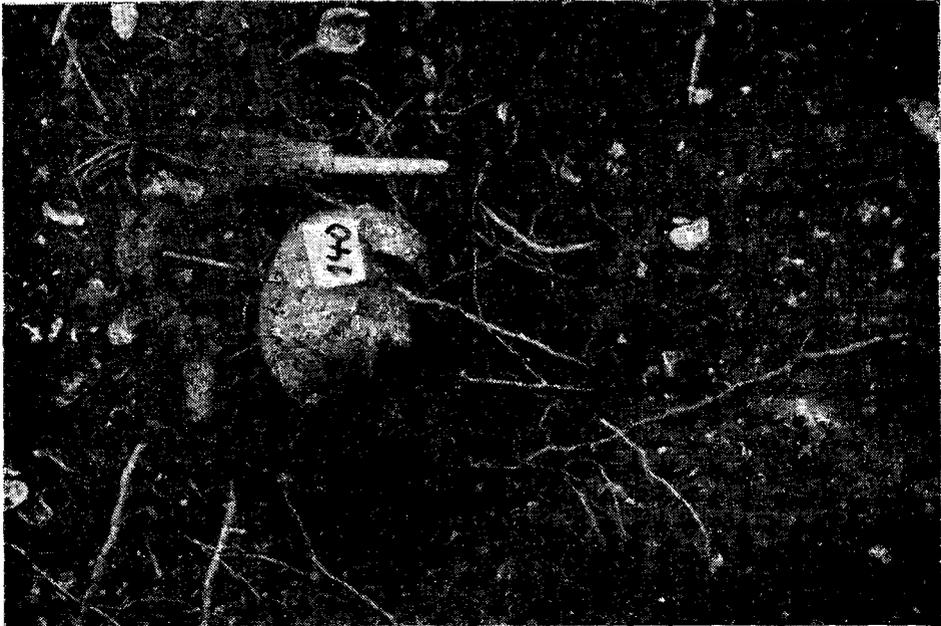


Fig. 53 — Crânio. Observar as numerosas raízes e as carapaças de moluscos. Sambaqui do Caminho da Cajazeira.



Fig. 54 — Crânio. Observar raízes e ostras. Sambaqui do Caminho da Cajazeira.

Mesmo que não tivesse havido agentes remotos, que tumultuassem essa jazida, alguns recentes seriam capazes de explicar a desarumação encontrada nesse condensado cemitério indígena.

A sua pequena dimensão e pouca altura, e a sua localização, deixavam inteiramente sem proteção o material arqueológico nêle depositado.

As boiadas por ali transitavam, ou estacionavam, revolvendo terra, fraturando ossos, misturando culturas .

Os tatus, particularmente, nêle faziam suas tocas disjuntando esqueletos, como mais de uma vez foi observado.

Também os caçadores de tatus, com seus inexoráveis enxadões, faziam em pouco tempo apreciável obra de destruição.

Muita coisa, porém, pôde ser por nós salva, hoje integrando o material didático da cadeira de patologia e terapêutica, da Faculdade de

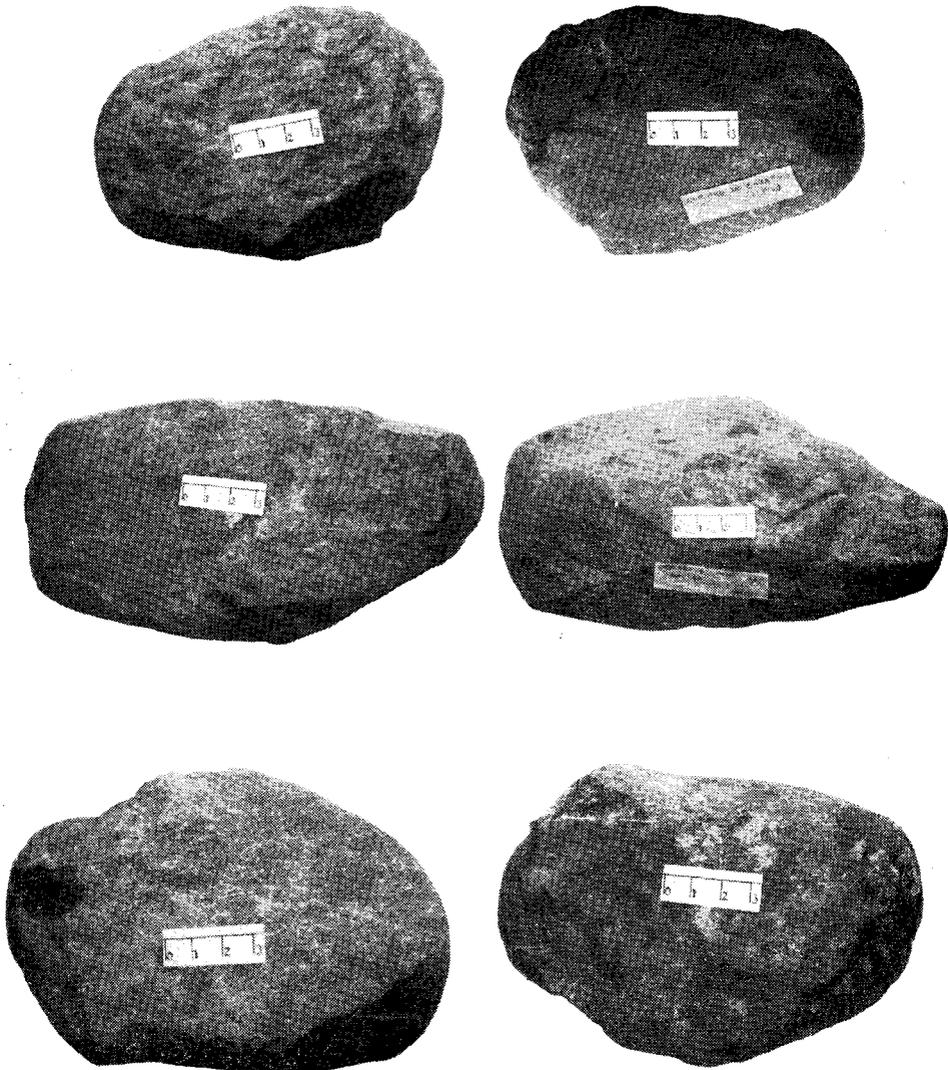


Fig. 55 — Três machados, fotografados em ambas as faces. Juntos a um único enterramento. Sambaqui do Caminho da Cajazeira.

Odontologia da U.F.E.R.J., tendo já servido para alguns trabalhos, de patologia alvéolo-dentária.

Um dos raros casos de possíveis cáries nas populações dos sambaquis, foi encontrado nessa jazida (12).

Tratava-se de cáries de fissuras em molares, superficiais, ou proximais em incisivos, em indivíduo jovem, cujos dentes mostravam várias hipoplasias.

7. *Capão da Bananeira*

Muito próximo da jazida precedente. Situada também na restinga que fica à margem direita do rio do Portinho.

Trata-se de um *plateau* de 1,20 m de altura, com cerca de 75 metros de perímetro. Meio alongado, apresenta 30 metros de comprimento por 20 de largura.

Mesma estrutura da grande maioria das jazidas de Guaratiba.

Nada a assinalar de particular na parte malacológica, óssea e lítica.

A pouco mais de meio metro, chegava-se à argila da base.

Vários enterramentos. O material ósseo porém apresentava-se muito fraturado e de fragilidade extrema. Fragmentava-se ainda mais ao ser retirado da terra.

Os dentes, porém, conservaram-se bem, apresentando as belíssimas abrasões, típicas das populações sambaquieiras.

Havia enterramentos de adultos e de crianças.



Fig. 6 — *Sambaqui da Bananeira. Bacia do rio do Portinho.*

Os enterramentos apareciam desde 0,30 m até 0,50 m, chegando até à argila, onde assentavam as camadas artificiais.

Mesmas características dos enterramentos das outras jazidas.

8. *Sambaqui do Pôrto da Cinza*

Localiza-se a 60 metros da margem direita do rio do Portinho, no local denominado Pôrto da Cinza.

Há aí uma área, hoje plantada, abrangendo mais de 100 m x 100 m, onde se notam acentuados vestígios de um sambaqui.

Existem ali diversos altos, com até 1 metro, mostrando a típica estrutura dos casqueiros da zona.

A cultura lítica é análoga à dos outros sambaquis. Há fragmentos de cerâmica.

O Sr. PEDRO ALVES CAMPOS refere-se a ter encontrado ali um osso de canela (*sic*), desentocando um tatu. Conta também o encontro de uma igaçaba, com ossos dentro. Material êsse inteiramente perdido, como já anotamos.

Os ossos de peixe e humanos ocorrem na camada conchífera, atualmente misturada, em muitos pontos, com a camada humosa superficial.

Um dos lavradores atuais da área, o Sr. LUÍS CORREIA, descreve certas pedras, encontradas no amanho da terra, e ali abandonadas o que indica serem machados de pedra polida.

Foi por nós ali recolhido um fragmento ósseo, muito pesado, que parece ser de osso de baleia.



Fig. 57 — *Sambaqui do Pôrto da Cinza. Bacia do rio do Portinho.*

MARGEM ESQUERDA DO RIO PORTINHO

Apenas uma jazida arqueológica, a do Poço das Pedras, foi registrada nessa longa faixa de terra.

O rio do Portinho segue paralelo às montanhas até próximo da barra de Guaratiba. Aí se desvia, para desembocar em um dos canais que ficam aquém da restinga da Marambaia, no ponto chamado pelo povo de largo do Bacalhau, pela proximidade com o canal do mesmo nome.

Acreditamos que os casqueiros, que pudessem ter existido nessa área, tenham sido há muito destruídos, especialmente para fazer cal. Isto é bem provável, pelo fácil acesso a toda essa zona, muito perto que está da estrada que segue para a barra de Guaratiba.

Isto para não supor que para não transpor o rio, o indígena localizasse os seus pontos de estacionamento na margem direita.

Há, não obstante, raros indícios de casqueiros ali. Ouve-se falar, vagamente, em alguns, hoje desaparecidos. Referem-se também a acúmulo de conchas, pelas encostas dos morros próximos.

Nós mesmos, em exploração próximo ao Poço das Pedras, verificamos conchas, especialmente de *Ostrea* sp., espalhadas em vasta área, hoje ocupada pela lavoura.

Não obstante haver fragmentos de cerâmica, ossos de animais e alguns outros elementos, nada nos fez acreditar que tais acúmulos fossem antigos. Havia até indícios de velha habitação e de um poço, o que mais ainda viria reforçar tal suposição.

Jazida do Poço das Pedras

Para estudo, na área, existiu a jazida arqueológica do Poço das Pedras, assim descrita por nós em 1963:

Localiza-se à margem esquerda do rio do Portinho, no lugar que recebe aquela denominação.

Fica bem à margem do rio, fazendo parte de seu barranco, em ponto onde este tangencia a estrada da barra de Guaratiba, que passa por cima da jazida.

De limites imprecisos, acompanha o rio em mais de 100 metros. A sua maior largura passa de 50 metros.

Tomando por referência o nível do rio, o seu ponto mais alto, talvez exceda 4 metros.

É jazida inteiramente diferente das demais, pobre mesmo em carapaças de moluscos.

Trata-se de uma duna de areia fina, tipo de praia, esbarrancada à beira do rio e terminando em um dos seus lados em um fio d'água que, à guisa de minúsculo riacho, desce do morro.

As camadas alternadas de conchas e areia (mais areia), tornam o seu aspecto estratigráfico belíssimo.

Se o material malacológico não é abundante em quantidade, o é, porém, no maior número de espécies ali representadas: *Ostrea* sp., *Anomalocardia brasiliiana*, *Trachycardium muricatum* Linné, *Anadara notabilis*, Gmelin, *Phacoides pectinatus*, espécies da família *Mytilidae*, *Strombus pugilis pugilis* Linné, *Strophocheilus ovatus*, etc.



Fig. 58 — Jazida arqueológica do poço das Pedras. Corte feito para a retirada de atêrro. Observar o aspecto extratigráfico.



Figs. 59 e 60 — Outros aspectos, vendo-se as camadas de *Anomalocardia Brasiliiana* e areia.

A característica máxima dessa jazida é a abundância de pedras (polidas ou não), sobressaindo a inumerável quantidade de lascas de quartzo, vários quebra-côcos, um machado.

Em fins de 1960 fizemos uma escavação de pesquisa, de 2 m x 2 m, parando em 1,20 m, onde encontramos areia limpa. Anotamos então: centenas de lascas de quartzo e vários núcleos. Alguns batedores, possi-

velmente em diabase. Fragmentos de cerâmica, na parte superficial. Espinhas de peixe. Algumas trabalhadas e perfuradas. Fragmentos maiores de granito em decomposição, em grupamentos, alguns com aspectos curiosos. Carvão. Raros outros ossos.

A registrar o encontro de dois cachimbos (um zoomorfo e outro antropomorfo).

Essa jazida está sendo destruída com finalidade de atêrro e de terra-planagem para construção.

Em corte na direção este-oeste, que com tais finalidades foi feito, pôde-se bem observar o aspecto estratigráfico.

Camadas sinuosas de carapaças, especialmente de *Anomalocardia* (mas também *Ostrea*, *Strophocheilus*, e outras), alternando-se com camadas de areia de praia, geralmente escurecida.

A areia mostrava também camadas de outras côres. Ora quase preta, com marcas acentuadas de fogo, ora amarelada. Até camada de vermelho vivo (talvez por corante vermelho), próximo a área negra de carvão, foi anotada a mais de 1 metro de profundidade.

Também camadas com cinza eram observadas nesses níveis.

Em certo ponto da superfície até 0,25 m aparece marca de material diferente, como uma terra amarelo-parda, de forma retangular. Tinha cerca de 0,25 de largura (estaca? fogão?).

E relativamente às ossadas humanas? Têm tido a sorte das da quase totalidade das jazidas.

São inexoravelmente destruídas. Os ossos são encontrados em vários níveis: do rolamento superficial, a mais de um metro de profundidade.

De um enterramento, soubemos que foi atirado junto com a areia em atêrro próximo.

Um morador fêz um rebaixe, para construir a sua choupana à beira do rio, mostrando quase um metro do aspecto estratigráfico do local. Conchas, pedras, ossos, alguns humanos, foram descobertos.

Perguntando-lhe se não apareciam ossos, em tais escavações, respondeu:

— Aparecem. Ainda outro dia destocando ali uma árvore apareceram muitos ossos, uns achatados, outros compridos.

Ao que perguntamos:

— Eram de gente?

— Eu não conheço ossos de gente, respondeu-nos na sua simplicidade.

— E o que o Sr. fêz com os ossos?

— Ora! Joguei no rio.

Breve, dessa belíssima jazida arqueológica, do estado da Guanabara, só restarão fotografias, êsse discreto relato e a lembrança de mais uma inadvertida iconoclastia.

Assim nos expressáramos em 1963, tendo-se efetivado, no ano seguinte, as nossas previsões. A terraplanagem, para a construção da sede do Barra de Guaratiba Country Club, desbastou o sambaqui, restando da jazida apenas poucas amostras à beira do rio.

OUTROS CASQUEIROS

RIO JOÃO CORREIA

CASQUEIRO DE ARAÇATIBA OU DO CAMPO DE SÃO JOÃO

Passando pelo campo de São João, há um canal salgado, sujeito à ação das marés e em grande parte ladeado de mangues, denominado na carta da prefeitura de 1959 (13), rio João Correia. Desemboca em canal próximo à restinga da Marambaia.

Devem ter existido, pela natureza da área, vários casqueiros nessa região.

Visitamos apenas um, em Araçatiba, no local denominado Pôrto do Machado.

Trata-se de pequeno casqueiro, perdido em viçoso sapèzal. Não foram tomadas as suas dimensões atuais. Dêle já foi retirada muita ostra para adubo dos coqueiros anões das proximidades.

Tem a mesma estrutura das maioria das jazidas da zona. Há predominio de *Ostrea*, seguida de *Phacoides pectinatus*, espécimes da família *Mytilidae*, *Strophocheilus*.

Há fragmentos de quartzo, tendo sido encontradas duas pontas de flecha em osso, em ligeira escavação.

A camada artificial é de pouca espessura.

RESTINGA DA MARAMBAIA

Há referência de diversos sambaquis na restinga da Marambaia.

Ocupada atualmente, na área carioca, pelo Polígono de Tiro do Exército, não foi possível fazermos um reconhecimento perfeito da área.

Com um bom guia, entretanto, nascido e criado na zona, pescador e caçador desde sua infância, tivemos oportunidade de visitar diversos casqueiros. Na maioria dêles nada encontramos digno de registro.

Dois sítios, porém, chamaram-nos a atenção.

O primeiro, no lugar denominado Pôrto das Pitangueiras, situado à beira de um mangue, foi inteiramente tumultuado pelos tratores, como nos contou o nosso guia.

Era um sambaqui. No meio das ostras havia ainda interessante material a ser coletado, inclusive um belo machado de pedra polida.

Em ligeira prospecção em uma das margens, ainda íntegra, da jazida, observamos:

- 1) a sua altura deverá ir a cêrca de dois metros do nível do mangue;
- 2) há predomínio de conchas do gênero *Ostrea*;
- 3) pinças de caranguejos;
- 4) ossos de peixe e de aves;
- 5) uma ponta de flecha em osso;
- 6) lascas de quartzo;
- 7) um machado de pedra polida (fig. 61);
- 8) terra preta. A trincheira escavada foi apenas de 0,50 m x 1,50 m, com 0,50 m de profundidade.

Do segundo, no local conhecido como Pôrto de Teixeira, quase nada restava. FRÓES ABREU refere-se a êle (8).

A terra e as ostras que o constituíam tinham sido aproveitadas para revestir a estrada.

Nesta apareciam ainda múltiplos restos de moluscos, pedras e fragmentos de cerâmica, que por certo a êle pertenceram:

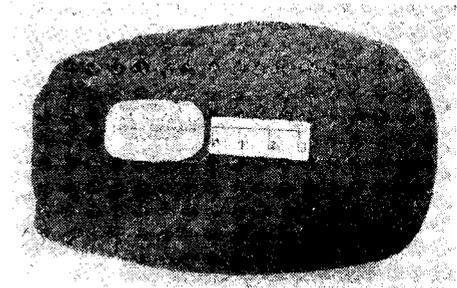


Fig. 61 — Machado. Pôrto das Pitangueiras. Restinga da Marambala.

PEDRA DE GUARATIBA E SEPETIBA

1. *Sambaqui do Piaí e Dunas Conchíferas da Osa*

Próximo ao povoado da Pedra, estendendo-se até perto do povoado de Sepetiba, há vasto lençol conchífero subterrâneo, que EVERARDO BACKHEUSER estudou, denominando-o sambaqui do Piaí (20).

Localizado em grande extensão paralelo à estrada do Piaí, talvez mais de dois quilômetros, e ao saco do mesmo nome, é jazida inteiramente diferente, tendo sido estudada também por OTHON LEONARDOS (26) e BIGARELLA (43).

Acha-se sob o solo, sendo motivo de escavações há talvez mais de meio século, para a retirada de conchas, para fins industriais (cal, farinha de ostras, etc.).

Há variedades de carapaças, a quase totalidade, porém, sendo de *Anomalocardia brasiliiana*.

A referência a achados de ossos humanos é feita por muitos.

OTHON LEONARDOS (26) fala em ossos em adiantado estado de alteração. A BACKHEUSER (20-36) contaram do aparecimento de um esqueleto de negro, com a sua carapinha, como já referimos.

De várias pessoas, que trabalharam no casqueiro, em épocas diferentes, temos ouvido narrativas de achados de restos humanos. Entre

elas, o Sr. LUÍS FIRMINO, hoje trabalhando na fazenda Modêlo, fêz-nos relatos tais. Mais preciso o Sr. MANUEL GENEROSA, que há mais de 20 anos trabalha no referido casqueiro, diz que os ossos aparecem entre as conchas, mas geralmente muito quebrados e espalhados. Em inspeção do terreno encontram-se abundantes artefatos líticos e cerâmicos na superfície.

Examinando certos feitos em diversos pontos do concheiro, CONCEIÇÃO COUTINHO BECKER, arqueóloga do Museu Nacional, em excursão por nós organizada, mostrou camadas de carvão e outros elementos, em certo trecho do casqueiro, o que confirma, nesse ponto, a formação artificial, — o sambaqui. Em outros trechos, porém, entre as conchas, não se observa o mínimo traço de cultura, caracterizando perfeitamente a sua natureza de concheiro natural, aproveitando a terminologia de OTHON LEONARDOS (26) ou de terraço, na de ANTÔNIO TEIXEIRA GUERRA (54).

A ocorrência de ossos de baleia não é excepcional nesse casqueiro. Nós mesmo recolhemos alguns fragmentos de vértebras desse cetáceo. Uma coisa, porém, torna-se evidente, na inspeção da área: é que ali houve pelo menos um acampamento indígena, após a formação do casqueiro.

O Saco do Piaí constituiu também motivo de algumas explorações nossas. Especialmente entre a Prainha (praia do Piaí, ou praia do Franca), praia artificial da Osa Organização Territorial S.A., e a praia do Caldas. Aqui caberia um parêntesis para a referência de que o nome Caldas é corruptela de *cardo*, em virtude das abundantes cactáceas ainda hoje encontradas nas areias da região.

Correndo paralelos ao mar, em muitos pontos, há cômodos acompridados de areia, com vegetação própria, limitando, para o lado interno, manguezais, que em áreas de algumas centenas de metros de largura vêm limitar-se com os terrenos arenosos um pouco mais elevados, por onde passa o antigo caminho do Piaí.

Esse longo trecho é apenas cortado por um pequeno córrego, sujeito à ação das marés, e que recebe o nome pomposo de rio (Ponto, Piaí, Periperi, do Mijança, das Piabas, conforme o gosto do informante).

A ocorrência de ossos de baleia não é excepcional nesse casqueiro. nas apresenta alguns baixos de areia — as coroas, — na designação da terra. Pouca concha e nada de artificial. Os areais adjacentes à estrada do Piaí, foram de longa data adulterados pela lavoura. Mostram, porém, em um ou outro ponto, terra preta e ostras, o que poderia ser indício de antigos sambaquis. Fala-se, também, em extração de ostras, em vários pontos. O exame feito, porém, nessas áreas nada mostrou de particular.

Refere-se um morador que havia diversos casqueiros em um dos mangues aterrados pela Osa, quando foi construída a praia do Piaí, já referida. Foram eles nivelados pelos tratores, e cobertos com a argila vermelha de morro próximo.

Aliás, em terrenos da Osa, bem na estrada do Piaí, perto da praia artificial, citada, há realmente diversos cômoros de areia, com vegetação rasteira, ou até plantados com eucaliptos, e que mostram, de mistura, carapaças de moluscos. Tênuo fio de água corta a área.

O encontro de espinhas de peixe, lascas de quartzo, seixos diversos, e pedras maiores, bem como cerâmica é ocorrência comum. Foi mesmo achado um caco decorado com impressões de unha, tipicamente tupi.

Há vaga referência, de um morador local, sobre encontro de esqueleto. Talvez tais cômoros encerrem algo referente aos indígenas da região. Esta jazida arqueológica, tipo acampamento, está ali seguramente caracterizada.

Brevemente os tratores irão aplainar êsses terrenos, para os loteamentos, e de importância arqueológica ou não, tais sítios perderão todo o interesse de estudo.

2. *Sambaqui da Ilha do Tatu*

Situado em uma das extremidades da ilha, em relação com o canal do Tatu, sobre o afloramento rochoso, que a constitui, acha-se tal jazida bem em frente à praia de Sepetiba.

Começa a cerca de 30 metros da referida extremidade, já em pleno aclave da rocha. De limites difíceis de precisar, estende-se em quase 50 metros ao longo da ilha, apresentando em sua maior largura 30 metros aproximadamente.

Trata-se de escasso acúmulo conchífero, de mistura com terra, apresentando as características comuns aos sambaquis da área.

Mostra superficialmente uma camada humosa, com espessura que vai de 0,10 m a 0,20 m. Abaixo a camada rica em carapaças fragmentadas de moluscos, do gênero *Ostrea*, alguns *Phacoides pectinatus* e várias outras espécies. A espessura dessa camada não excede 0,50 m.

Há a anotar freqüentes fragmentos de quartzo, alguns seixos rolados, ou fragmentos de pedras várias, levados ao sítio para servirem como utensílios.

Há cerâmica na superfície, não podendo ser seguramente identificada como indígena.

Existem enterramentos. A destacar o material ósseo humano catalogado sob o n.º 174. Encontrava-se a cerca de 20 metros da extremidade da jazida, na parte central da mesma, de 0,35 m a 0,60 m de profundidade. Muito fragmentado e incompleto. Adulto, feminino. Crânio parcialmente restaurado. Arcadas dentárias com todos os dentes *in loco*, mostrando acentuadas abrasões.

A grande afluência nessa ilha de banhistas, pescadores e adeptos de algumas seitas fetichistas modificou superficialmente a jazida. Em nada porém, foram alteradas as camadas arqueológicas do sambaqui.

CONCLUSÕES

O levantamento bibliográfico e de dados históricos e da tradição, serviu para evidenciar que deveriam ter existido numerosos sambaquis, em tôda a orla marítima, quer da baía de Guanabara e de Sepe-tiba, quer em áreas adjacentes.

A verificação atual da existência de mais de trinta dessas jazidas, no estado da Guanabara, como vimos no decorrer dêste trabalho, serviria para ratificar tais conceitos.

O abundante material ósseo humano e da macrofauna, e os utensílios indígenas coletados, hoje integrando o material didático da cátedra a nosso cargo na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, têm-se prestado ao equacionamento de diversos problemas referentes ao nosso aborígine, e no nosso setor particular, ao esclarecimento de algumas questões de patologia buco-dentária.

Das pesquisas realizadas anotam-se os seguintes dados gerais:

- 1 — Quase tôdas as jazidas eram baixas.
- 2 — Localizavam-se próximo a rios e canais (V. mapas anexos).
- 3 — Foram acumuladas sôbre antigas elevações de terreno:
 - a) quase sempre sôbre a argila, de pontos mais elevados do mangue;
 - b) raramente sôbre cômoros de areia (sambaqui do Pôço das Pedras e do Zé Espinho);
 - c) ou afloramentos de rochas cristalinas (sambaqui do Piracão e do Curral das Pedras).
- 4 — Constituídas geralmente de:
 - a) uma camada superficial de terra preta (0,10 m a 0,30 m), onde há material de rolamento, inclusive ossos humanos esparsos, ou seus fragmentos;
 - b) uma camada de terra e carapaças de moluscos (chegando até à argila ou areia da base). Nesta é que se encontram, em geral, os enterramentos. Essa camada fértil não ia além de um metro (exceto Zé Espinho e Poço das Pedras).
- 5 — A quase totalidade das jazidas apresenta predomínio de carapaças ou fragmentos de *Ostrea*, vindo a seguir conchas inteiras de *Phacoides pectinatus*, e também caramujos inteiros de *Strophocheilus*. Ocorrem ainda restos de espécies da família *Mytilidae*. A *Anomalocardia brasiliiana* aparece muito raramente (exceto nos casqueiro do Posto 5, do Poço das Pedras, e do Piaí, onde é abundante). A maioria dêsses moluscos foi para ali levada, pelo indígena, com finalidade alimentar.
- 6 — Como possíveis restos de cozinha encontram-se ainda:
 - a) fragmentos de crustáceos (caranguejos, siris, etc.);
 - b) ossos de peixe, inclusive vértebras de grandes peixes;
 - c) pouco freqüentes ossos de aves e menos ainda de mamíferos. Ossos de outros vertebrados são excepcionais;

d) raros fragmentos de côcos, com ou sem marcas de fogo.

7 — Há carvão, e material como cinza.

8 — O material lítico é abundante:

a) lascas de quartzo e seixos rolados, sem marcas de trabalho, são encontrados em todos os níveis arqueológicos (a jazida do Poço das Pedras foi notável pela abundância surpreendente desses materiais);

b) pedras com concavidades (fig. 53) (pedras com ôlho, quebracôco, almofarizes cupuliformes, pedras de martelo, etc.) não são excepcionais;

c) pedras com desgastes intencionais não identificadas (fig. 46), possíveis alisadores, afiadores, etc. ocorrem com pouca frequência;

d) machados de pedra (figs. 38, 43, 44, 45, 59 e 60), lascada ou parcial ou totalmente polida, ocorrem em algumas jazidas (sambaqui do Piracão, do Caminho da Cajazeira, do Zé Espinho, das Piteiras, do Pôrto das Pitangueiras e do Poço das Pedras);

e) pedra achatada, desgastada como pequeno machado e perfurada;

f) há, às vezes, grandes seixos rolados e grandes fragmentos de pedras junto a carvão, material como cinza, e restos de cozinha.

9 — Restos de animais foram aproveitados com finalidades utilitárias. Assim há a considerar:

a) grande abundância de ossos em meia cana (diáfises — de aves?) desgastados longitudinalmente, e apontados, em uma ou ambas as extremidades (figs. 47 e 48). Seriam, por certo, pontas de flecha;

b) ossos perfurados para colar (sambaqui do Caminho da Cajazeira);

c) dentes, de tubarão (fig. 47), de mamíferos (especialmente caninos), trabalhados (fig. 48) ou perfurados, para braceletes ou colares (mais comuns juntos a enterramentos de crianças);

d) vértebras de peixe trabalhadas e perfuradas, com a mesma finalidade (especialmente no sambaqui do Piraquê e do Poço das Pedras);

e) excepcionalíssimas conchas perfuradas;

f) um apito em diáfise (sambaqui da Praia do Malhador) (fig. 48);

g) espátulas em osso (em várias jazidas).

10 — Relativamente à cerâmica há a considerar:

a) ocorre na superfície de algumas jazidas (sambaqui do Telégrafo, do Gentio, do Capãozinho, do Atolador, do Cerâmio, do Zé Espinho, do Surucaí, do Vaso, do Piracão, do Meio, do Caminho da Cajazeira, do Pôrto da Cinza, do Poço das Pedras, da Praia do Malhador, da Ilha do Tatu);

b) não foi achada em várias outras (sambaqui do Piraquê, do Aterrado da Pedra, de Vila Mar, o Pôsto 5, do Curral das Pedras, do Teles, das Piteiras, da Panela do Pai João, do Pau Ferro, da Benta, Cabeça de Índio, Cabeça de Índio 2.^o, de Araçatiba, do Pôrto das Pitangueiras);

c) vale anotar que várias vezes, em jazidas próximas, uma apresenta abundantes restos de cerâmica, enquanto outra não mostra nem um fragmento.

11 — *Enterramentos* (figs. 36, 37, 39, 40, 41, 49, 51, 54, 55, 56, 57 e 58):

a) em níveis variáveis, ocorrendo até na superfície (no sambaqui da Panela do Pai João, havia crânio, cuja calota fôra destruída por dever ter estado fora da terra). A maior profundidade (sambaqui do Zé Espinho) ficava a 1,25 m;

b) em posição quase sempre fletida. Houve dois casos de flexão somente nas pernas (sambaqui da Cabeça de Índio, 1 caso e sambaqui do Aterrado da Pedra, 1 caso);

c) geralmente na camada rica em ostras. Raras vezes penetrando na argila da base. Nota-se, com freqüência, maior acúmulo de ostras junto ao esqueleto;

d) é quase constante o aparecimento de corante vermelho, de mistura com os ossos, bem como carvão;

e) e mais, material lítico (fragmentos de quartzo, seixos, machados, etc.), pontas de flecha em osso, dentes trabalhados de adôrno, e restos de cozinha (figs. 43, 44, 47, 48 e 59);

f) raramente fragmentos de cerâmica;

g) por vezes ossos de vários esqueletos acham-se misturados;

h) é comum haver acentuada fragmentação de ossos, falta de alguns dêles, ou de seus fragmentos, impossibilitando a reconstituição de esqueletos, bem como o cálculo do número exato dos indivíduos enterrados na área de escavação.

ARCADAS DENTÁRIAS

De exame das arcadas dentárias, observa-se em síntese:

1 — Nanismo ou ausência dos terceiros molares, com grande freqüência (fig. 50).

2 — Ocorrência de:

a) dentes em pá (*shovel shaped*) mais em incisivos superiores;

b) raras outras anomalias;

c) dentina secundária, até à eburnificação total da polpa, contrabalançando os acentuados desgastes dentários (fig. 50);

d) extensas abrasões, indo até ao 4^o de broca (fig. 50);

e) com o aspecto típico das abrasões das populações sambaquieiras. Em plano inclinado (bisel, bico de flauta), formado às custas da

parte vestibular, nos dentes inferiores, e da parte palatina, nos superiores, nos casos de grandes desgastes. Mais destacadas nos primeiros molares;

f) exposições da câmara pulpar, pelas abrasões, não compensadas pela formação de dentina secundária (mais comuns em velhos);

g) aparecimento então de granulomas e cistos;

h) tártaro salivar;

i) poucas perdas dentárias *in vivo*;

j) raras exostoses de rebordo alveolar, na área dos molares inferiores.

3 — Parodonto quase sempre normal. A atrofia senil é observada.

4 — A cárie é praticamente inexistente. Registro de duvidosa ocorrência em dois indivíduos, em fissuras, especialmente de terceiros molares.

5 — A cárie não foi observada em dentes temporários.

6 — Foram examinados cerca de 1 300 dentes *in situ*, isto é, permanecendo ainda nos respectivos alvéolos.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — CUNHA, E. SALLES -- *História da Odontologia no Brasil*. Editôra Científica, Rio, 1963. 443 p. ilustr.
- 2 — CUNHA, E. SALLES -- *Sambaquis e outras jazidas arqueológicas — Paleontologia dentária e outros assuntos*. Editôra Científica, Rio, 1963. 155 p. ilustr.
- 3 — CUNHA, E. SALLES — Sambaquis do Litoral Carioca — Afecções Dentárias — *Rev. de Odontologia da U.F.R.J.*, N.º 1, agosto-setembro, 1963. Em separata.
- 4 — CUNHA, E. SALLES — Patologia odonto-maxilar do Homem dos Sambaquis. *Rev. Brasileira de Odontologia* 17 (102): 541-553, novembro-dezembro, 1959.
- 5 — CUNHA, E. SALLES — Regressão dos terceiros molares no Homem do Sambaqui do Estado da Guanabara. *Rev. de Farm. e Odont.* 26 (229-230): 14-20, março-abril, 1960.
- 6 — CUNHA, E. SALLES e CUNHA, MARCOS DE SALLES — Abrasões dentárias no Homem dos Sambaquis. *Rev. do Sind. dos Odontologistas do Rio de Janeiro*, 6:5-12, janeiro-fevereiro, 1960.
- 7 — CUNHA, E. SALLES — Cárie nas populações dos sambaquis. *Rev. Bras. de Odontologia*, 21:235-247, novembro-dezembro, 1962.
- 8 — CUNHA, E. SALLES — Afecções alvéolo-dentárias em mandíbula de aborígene da ilha do Governador (Guanabara) *Rev. do Sin. dos Odont. do Rio de Janeiro*, 6 (17):13-18, março-abril, 1960.
- 9 — CUNHA, E. SALLES — Afecções alvéolo-dentárias no Homem de Lagoa Santa. *Rev. de Farm. e Odont.*, 27(243):11-20, maio, 1961.
- 10 — CUNHA, E. SALLES — Afecções alvéolo-dentárias no Homem de Lagoa Santa. *Trabalhos Científicos (Resumos) II Congresso Odontológico Paulista*. São Paulo, 1961. 138 p. — Pág. 126.

- 11 — CUNHA, E. SALLES — Afecções alvéolo-dentárias no Homem de Lagoa Santa. *Rev. da Ass. Paulista de Cir.-Dents.*, setembro-outubro, 1961. Em separata.
- 12 — CUNHA, E. SALLES — Patologia alvéolo-dentária do Homem do Sambaqui de Vitória. *Primeiro Congresso Odont. do Esp. Santo*, Vitória, 1962, 160 p. — pp. 61-62.
- 13 — CUNHA, E. SALLES — Patologia alvéolo-dentária do Homem do Sambaqui de Vitória. *Rev. de Farm. e Odont.*, 29 (264):249-262, fev., 1963.
- 14 — CAPANEMA, GUILHERME S. DE — (Barão de Capanema) — *In Ensaios de Sciencia por diversos amadores*. 1:81-89, 1876.
- 15 — IHERING, HERMANN VON — Archeologia comparativa do Brazil — *Rev. do Museu Paulista*. 6:519-583, 1904.
- 16 — TAVARES, J. S. *Apud* BACKHEUSER, E. — Os Sambaquis do Distrito Federal. *Rev. Didática*, 1918. Em separata.
- 17 — ABREU, SYLVIO FRÓES — *O Distrito Federal e seus recursos naturais*. Rio, 1957, 318 p., ilustr.
- 18 — SANTOS, NEWTON DIAS DOS — Relatório Anual do Museu Nacional. Rio, 1962. 111 p — Pág. 53.
- 19 — FERNANDES, CORNÉLIO — Ethnographia indigena do Rio de Janeiro. *Boletim do Museu Nacional*. 4:13-22, outubro, 1926.
- 20 — BACKHEUSER, EVERARDO — Os Sambaquis do Distrito Federal. *Revista Didática*. 1918. Em separata.
- 21 — EMPERAIRE, J. e LAMING, A. — Les sambaquis de la côte meridional do Brésil. *Journ. de la Société des Americanistes*, 45: 5-163, 1956.
- 22 — SOUZA, GABRIEL SOARES DE — *Tratado Descritivo do Brazil em 1587*. 2.^a edição, Rio de Janeiro, 1879, 382 p.
- 23 — PÔRTO SEGURO, Visconde de — *Revista do Inst. Hist. Geogr. e Eth. do Brasil* 47 (1.^a parte): 172-182, 1884.
- 24 — HARTT, CHARLES FREDERICK — *Geologia e Geografia Física do Brasil* — São Paulo, 1941. Tradução da Edição Inglesa de 1870. 649 p. ilustr.
- 25 — RIOS, MORALES DE LOS — *In A Noite*, 18 de dezembro de 1918.
- 26 — LEONARDOS, OTHON HENRY — Concheiros naturais e Sambaquis. Avulso n.º 37. Departamento Nac. de Produção Animal, 1938.
- 27 — Planta da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, levantada por Ordem de Sua Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor, no anno de 1808. Na Impressão Regia 1812.
- 28 — ROSCIO, FRANCISCO JOSÉ (Sargento-mór de Engenheiros). Mapa da Cidade do Rio de Janeiro, 1770.
- 29 — MORAES E SILVA, ANTONIO — *Dccionario da Lingua Portuguesa*, Lisboa, 1813.
- 30 — AULETE, F. J. CALDAS — *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*, Lisboa, 1881.
- 31 — FAZENDA, VIEIRA — Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro. *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.* 86 (140): 302, 1919.
- 32 — CUNHA, E. SALLES — *História da Odontologia no Brasil*. Rio, 1931. 128 p. ilustr.
- 33 — PEIXOTO, AFRÂNIO — Nossa Senhora da Glória Padroeira do Rio de Janeiro. *Jornal do Comércio* (Rio), 15-8-1941.
- 34 — PEIXOTO, AFRÂNIO — *A igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. Rio de Janeiro, 1943. 70 p. ilustr.
- 35 — SILVA, FERNANDO NASCIMENTO — Citado por OTHON LEONARDOS, ref. 26.

- 36 — BACKHEUSER, EVERARDO — Breve Notícia sôbre a Geologia do Distrito Federal e seus Sambaquis. *Boletim Geográfico* n.º 32 (novembro, 1945) e 35 (fevereiro, 1946). Em separata.
- 37 — NETTO, LADISLAU — Investigações sôbre a Archeologia Brasileira. *Archivos do Museu Nacional*. 6: 257-554, 1885.
- 38 — CORREIA, MAGALHÃES — O Sertão Carioca — Rio, 1936 — 312 p. ilustr.
- 39 — FREIRE, OLAVO — Mapa do Distrito Federal, Rio de Janeiro, 1907.
- 40 — SANTOS, NORONHA — *Chorographia do Districto Federal*, Rio de Janeiro, 1913. 427 p. ilustr.
- 41 — Serviço Geographico Militar — Carta do Distrito Federal, Rio de Janeiro, 1922.
- 42 — PORTO SEGURO, Visconde de (VARNHAGEN, FRANCISCO ADOLFO). *Historia Geral do Brasil* — 3.^a edição, Rio e São Paulo, 1907. 522 p. ilustr.
- 43 — BIGARELLA, JOÃO JOSÉ — Nota sôbre os Depósitos Conchíferos da Pedra de Guaratiba, Distrito Federal. *Arquivos de Biologia e Tecnologia* (Curitiba) 7:195-200, agôsto, 1952.
- 44 — VÂRZEA, AFONSO — *Geografia do Distrito Federal*. N.º 4 — Vol. I. Rio, s/d 1957 (?). 312 p. ilustr.
- 45 — ABREU, SYLVIO FRÓES — Sambaquis de Imbituba e Laguna. *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, 1928. Em separata.
- 46 — LAMEGO, ALBERTO R. — *O Homem e a Restinga* — Rio de Janeiro, 1946, 227 p. ilustr.
- 47 — PINTO, ROQUETTE — Notas sôbre o Material do Sambaqui de Guaratiba. *Boletim do Museu Nacional* 1(6):397-399, maio, 1925.
- 48 — STADEN, HANS — *Viagem ao Brasil* — Bahia, 1955, 273 p. ilustr. — Tradução do original de 1957.
- 49 — LIMA, H. e BARROSO, G. — *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, 9.^a edição, Rio, 1951.
- 50 — TORRES, HELOISA ALBERTO — Notas para serem utilizadas no desenvolvimento do estudo da jazida tupi de Sapucaia. In *Cerâmio de Sapucaia*, de ADELMAR NEVES — *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do Espírito Santo*, n.º 15: 40-50, dezembro, 1943.
- 51 — RIVERT, PAUL — In Leonardos, ref. 26.
- 52 — Mapa do Distrito Federal (*Estado da Guanabara*). Levantado para a prefeitura do Distrito Federal por Geofoto S.A., 1959. Executado pelo Serviço de Topografia do Estado da Guanabara.
- 53 — GUERRA, ANTÔNIO TEIXEIRA — Contribuição da Geomorfologia ao Estudo dos Sambaquis — *Boletim Carioca de Geografia*, 3 (4) — Rio, 1950. Em separata.

SUMMARY

This work is a study of archaeological resting places, specially those of the "kitchen midden" type, original from the sea coast of Rio de Janeiro city State of Guanabara, Brazil, South America.

After the historical and bibliographical survey, the author describes more or less thirty spots, located, mainly in Sepetiba bay.

Almost all of the resting-places are low, placed near rivers or dikes water courses. They were piled up on land elevations (most of the time on top of potter's clay or the most elevated spots of mangroves, banks of sand or on levelling of cristal rocks).

They are generally constituted of a superficial surface of black ground (0,10 to 0,30 m) and a surface of earth and molusc shells, which in general don't reach the thickness of one meter.

There the macro-fauna was mainly represented by mollusc, specially *Ostrea* sp. and *Phacoides pectinatus*. Furthermore it was represented by crustaceous fragments, fish residues (including back-bones of big fishes), scarcely fragments of birds and mammal bones. There was coal and a lot of lithic material (pebbles, quartz spinters, stones having concavities,

unprecisely worn-out stones, polish er unpolished stone axes, etc.). Sometimes we noticed, various stones, big ones, next to the other, together with coal, material which looket as if it were ash and kitchen left-over (ovens for sure).

Some animal bones were used by natives for the manufacturing, specially arrow heads; shark teeth and some mammals for necklaces, they were generally bored; fish backbones were also adapted and bored, for the same usage. Very excepcional worked shells were also collected.

In same resting places we found ceramics.

The burials existed in various levels; from the top to 1.25 m. Almost all of the time in a fetal position. It is also to be noticed the usual appearing of coal, red dyers, some utensils, specially lithic ones, and rarely parts of ceramics.

Through the collected material it was possible to make a survey of alveolar-dental pathology, by the study of about 1300 teeth.

RÉSUMÉ

Le présent travail est une étude de gisements d'archéologie, en particulier du type "sambaqui", existant au littoral de la ville de Rio de Janeiro, État de Guanabara, Amérique du Sud.

Après une levée historique et bibliographique, l'auteur fait une description d'environ trente lieux, situés, princ.palement, dans la baie de Sepetiba.

La plupart des gisements sont bas et se rencontre dans la proximité des fleuves ou canaux. Ils ont été accumulés sus les élévations du terrain (presque toujours sûr l'argile des points plus élevés des marais, des dunes ou affleurements de roches cristallines).

Généralement ils se constituent d'une couche superficielle de terre noire (0,10 ou 0,30 m.) et une couche de terre et carapaces de mollusques, qui, en général, n'atteint pas l'épaisseur d'un mètre.

La macro-faune y était représentée, particulièrement, par mollusques, et, en essence, *Ostrea* sp. et *Phacoides pectinatus*. On a observé em plus: fragments de curstacés, restes de poissons (inclusif vertèbres de grands poissons), peu fréquent fragments des os d'oiseaux et de mammifères. Il y avait du charbon et matériaux lithiques en abondance (cailloux roulés, éclats de quartz, pierres avec concavités, pierres déformées par l'usage non spécifié, haches de pierre éclatée, semi-polie ou polie, etc.). Plusieurs pierres, plus grandes, ont été observées, parfoit, tout près les unes des autres, conjointement avec du charbon, matériaux semblant cendre et restes de cuisine (probablement fourneaux).

Certains os d'animaux ont été utilisés par l'indigène pour faire des objets divers, spécialement points pour flèche; dents de requin et de quelques mammifères pour faire colliers, étant souvent perforés; vertèbres de poisson on été, aussi, adaptées et percées, pour la même finalité. Des coquilles extrêmement rares, travaillées, ont été recueillies.

En divers gisements on a rencontré objets de céramique.

Les enterrements existaient en différents niveaux: dès la superficie jusqu'à 1,25 m., presque toujours en position courbée. On a observé l'apparition commun de charbon, colorant rouge, plusieurs ustensiles, spécialement lithiques, plus rarement, fragments de céramique.

Avec les matériaux collectés il était possible faire une levée de pathologie alvéole-dentaire, par une étude de environ 1300 dents.